

Apresentação

Um dos desafios da educação atual é concretizar propostas para que o jovem desenvolva habilidades de estabelecer relações entre as mais diversas áreas do conhecimento e a realidade em que vive. O jovem, como ninguém, vive intensamente o presente, o imediatismo das informações muitas vezes fragmentadas, a intensificação das transformações responsáveis pelo sentimento de que o instante vivido torna-se rapidamente pretérito. Incentivar o jovem a ler é um dos objetivos da coletânea de resumos e comentário, além de subsidiar a leitura integral dos contos e romances indicados para o PRISE e o PSS como leituras obrigatórias. Esperamos contribuir para estimular o jovem, pelas mãos hábeis dos professores, à uma leitura proficiente, tornando-se brasileiro mais consciente, crítico, criativo e solidário.

Arcadismo e Neoclassicismo

O Arcadismo em Portugal Manuel Maria du Bocage

O século XVIII representou para Portugal o início de um processo de modernização, que se deu nos setores: econômico, político, administrativo, educacional e cultural. A produção literária foi ampla e variada, incentivada principalmente pelas academias literárias árcades. Manuel Maria du Bocage, um dos maiores poetas portugueses de todos os tempos, é a principal expressão literária desse período.

Considerado o melhor escritor português do século XVIII e, ao lado de Camões e de Antero de Quental um dos três maiores sonetistas de toda a literatura portuguesa. Contudo, esse título de o melhor escritor da época não significa que Bocage tenha sido o mais perfeito poeta árcade, papel que talvez caiba a Filinto Elísio. A importância conferida à obra de Bocage advém principalmente de nela se encontrar a tradução do momento transitório em que o escritor viveu (1765-1805) um período marcado por mudanças profundas, como a Revolução Francesa (1789) e o florescimento do Romantismo. Assim, a obra de Bocage, em sua totalidade, não é árcade nem romântica. É uma obra de transição, que apresenta simultaneamente aspectos dos dois movimentos literários,

A fase inicial da poesia de Bocage é marcada por formas e temas próprios do Arcadismo, ambiente bucólico, o (*fugere urbem*), o ideal de vida simples e alegre (*áurea mediocritas*), a simplicidade e a clareza das idéias e da linguagem. Etc.

Contudo, outro conjunto de poemas do autor, classificados como pré-românticos, contraria os postulados árcades e prenuncia o movimento posterior, o Romantismo. É o caso deste soneto:

Oh! retrato da morte, oh noite amiga,
Por cuja escuridão suspiro há tanto!
Calada testemunha do meu pranto,
De meus desgostos secretária antiga!

Pois manda o Amor que a ti somente os diga,
Dá-lhes pio agasalho no teu manto;
Ouve-os, como costumás, ouve, enquanto
Dorme a cruel, que a delirar me obriga.

E vós cortesãos da escuridade,
Fantasmas vagos, mochos piadores,
Inimigos, como eu, da claridade!

Em bandos acudi aos meus clamores;
Quero a vossa medonha sociedade.
Quero faltar meu coração de horrores.

Além de ter ficado conhecido como poeta lírico, Bocage também se destacou em Portugal e no Brasil como poeta satírico e erótico; sem, contudo não ter nada a ver com certas revistas de bancas de jornal intituladas piadas de Bocage.

São da fase lírica os poemas; Texto 1

Já se afastou de nós o Inverno agreste,
Envolto nos seus úmidos vapores;
A fértil primavera, a mãe das florestas
O prado ameno de boninas veste.

Varrendo os ares, o sutil Nordeste
Os toma azuis; as aves de mil cores
Adejam entre zéfiros e Amores,
E torna o Tejo a cor celeste.

Vem,. Oh Marília vem lograr comigo
Destes alegres campos a beleza,
Destas copadas árvores o abrigo.

Deixa louvar da corte a vã grandeza;
Quanto me agrada mais estar contigo,
Notando as perfeições da natureza!

Texto 2

A frouxidão no amor é uma ofensa,
Ofensa que se deva a grau supremo;
Paixão requer paixão; fervor e extremo
Com extremo e fervor se recompensa.

Vê qual sou, vê que diferença?
Eu descoro, eu praguejo, eu ardo, eu gemo;
Eu choro, eu desespero, eu clamo, eu tremo;
Em sombras a razão se me condensa.

Tu só tens gratidão, só tens brandura,
E antes que um coração pouco amoroso,
Quisera ver-te uma alma ingrata e dura.

Talvez me enfadaria aspecto iroso,
Mas de teu peito a lânguida ternura
Tem-me cativo e não me faz ditoso.

Texto 3

Nascemos para amar; a Humanidade
Vai, tarde ou cedo, aos laços da ternura.
Tu és doce atractivo, oh formosura,
Que encanta, que seduz, que persuade.

[...]

Amor ou desfalece, ou pára ou corre;
E, segundo as diversas naturezas,
Um porfia, este esquece, aquele morre.

Observe como Bocage aborda o tema da inevitabilidade do amor e os diferentes efeitos que esse sentimento provoca: para alguns, a mais profunda tristeza, para outros a alegria.

Texto 4

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel das paixões que me arrastava;
Ah! Cego eu cria, ah! mísero eu sonhava
Em mim quase imortal a essência humana.

De que inúmeros sóis a mente ufana
Existência falaz me não dourava?
Mas eis sucumbe a natureza, escrava
Do mal que a vida em soa origem dana.

Prazeres, sócios meus e meus tiranos!
Esta alma que sedenta em si não coube.
No abismo vos sumiu dos desenganos.

Deus, oh deus!... Quando a morte à luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam anos,
Saiba morrer o que viver não soube.

No soneto, fugindo dos temas e da visão de mundo dos poemas árcades em geral, Bocage faz um balanço de sua vida, uma espécie de mea culpa em que se arrepende da vida de prazeres que tivera.

Em, suas sátiras, Bocage critica o poder e ironiza o clero e a nobreza decadente. Sua linguagem é obscena e erótica:

" Ah! faze-me ditoso, e sê ditosa.
Amar é um dever, além de um gosto,
Uma necessidade, não um crime,
Qual a impostura boníssima apregoa.
Céus não existem, não existe inferno,
O prêmio da virtude é a virtude,
É castigo do vício o próprio vício."

Nesse poema, Bocage renega aos "céus", associados à visão sensual do amor, que é a prisão do poeta.

Tomás Antônio Gonzaga Poemas líricos

O mais popular dos poetas árcades mineiros é Tomás Antônio Gonzaga (1744 —1810). A poesia de Tomás Antônio Gonzaga, se comparada à dos demais poetas árcades brasileiros, apresenta algumas inovações que apontam para uma transição entre o Arcadismo e o Romantismo.

Incorporando muito de sua experiência pessoal à poesia, escrita antes e durante a prisão, Gonzaga conseguiu quebrar em grande parte a rigidez dos princípios árcades. Por exemplo, em contraposição à contenção dos sentimentos, sua poesia é mais emotiva e espontânea. (Traços pré-românticos). Sua Marília, em vez de se apresentar como uma mulher irreal, como a Nice de Cláudio Manuel da Costa, mostra-se mais humana, próxima e real. Observe esta descrição do rosto de Marília.

*Na sua face mimosa,
Marília, estão misturadas
purpúreas folhas de rosa,
brancas folhas de jasmim.
Dos rubins mais preciosos
os seus beijos são formados;
os seus dentes delicados
são pedaços de marfim.*

Os temas árcades do distanciamento da

mulher amada e do sofrimento dele decorrente não são, no caso de Gonzaga, meros temas clássicos convencionais, mas assumem feição de pura verdade, uma vez que muitos dos seus poemas o poeta escreveu quando se encontrava preso. Veja os versos a seguir.

*Estou no inferno, estou, Marília bela
e numa coisa só é mais humana
a minha dura estrela;
uns não podem mover do inferno os passos
eu pretendo voar e voar cedo
à glória dos teus braços*

A poesia lírica é a parte mais conhecida da produção literária de Tomás Antônio Gonzaga. São popularmente conhecidos, principalmente na região de Minas Gerais, os amores entre Dirceu e Marília (Tomás Antônio Gonzaga e Maria Dorotéia Joaquina da Seixas)

Texto 1

*Alexandre, Marília, qual o rio,
Que engrossando no inverno tudo arrasa.
Na frente das coortes
Cerca, vence, abrasa
As cidades mais fortes,
Foi na glória das armas o primeiro:
Morreu na flor dos anos, e já tinha
Vencido o mundo inteiro.*

*Mas este bom soldado, cujo nome
Não há poder algum, que não abata.
Foi, Marília, somente
Um ditoso pirata,
Um salteador valente.
Se não tem uma fama baixa, e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça
A insolente ventura
[...]*

*eu vivo, minha bela, sim eu vivo
Nos braços do descanso, e mais do gosto:
Quando estou acordado
Contemplo teu rosto
De graças adornado:
Se durmo, logo sonho, e ali vejo.
Ah! Nem desperto, nem dormindo sobe
A mais o meu desejo.*

Texto 2

*Eu, Marília, não fui nenhum vaqueiro.
Fui honrado pastor da tua aldeia;
Vestia finas lãs, e tinha sempre
A minha choça do preciso O cheia.
Tiraram-me o casal, e o manso gado,
Nem tenho, a que me encoste, um só cajado*

[...]

*Ah! minha bela, se a fortuna volta.
Se o bem, que já perdi, alcanço e provo
Por essas brancas mãos, por essas faces
te juro renascer um homem novo,
romper a nuvem que os meus olhas cerra,
amar no céu a Jove e a ti na terra!*

Texto 3

*Tu não verás. Marília, cem cativos
Tirarem o cascalho, e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra*

[...]

*Não verás enrolar negros pacotes
Das secas folhas do cheiroso fumo;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce cana o sumo.*

[...]

*Verás em cima da espaçosa mesa
Altos volumes de enredados jeitos;
Verme-ás folhear os grandes livros,
E decidir os pleitos.*

[...]

*Se encontrares louvada uma beleza,
Marília, não lhe invejes a ventura,
Que tens quem leve à mais remota idade
A tua formosura.*

Nota: Tomás Antônio Gonzaga aproxima e usa sua experiência amorosa pessoal - o amor de um quarentão com fortuna relativamente modesta por uma jovem rica - como base das suas composições poéticas sobre o amor de Dirceu por Marília. Essa aproximação faz com que elementos da vida cotidiana, do mundo das necessidades e do espaço local da vida do poeta, Vila Rica e suas circunvizinhanças, se misturem com os elementos da poesia bucólica e arcádica acentuando muito o senso de realidade dos poemas, dando ao autor elementos para concretizar e detalhar mais sua invenção, tornando-a menos abstrata e convencional (*traços pré - românticos*) levando o leitor à uma apreciação estética do poema a qual une a impressão de sinceridade como se o poeta filiasse de si mesmo, o que enriquece e valoriza o poema.

A poesia romântica Brasileira: Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Castro Alves.

Gonçalves Dias

Antônio Gonçalves Dias, filho de um comerciante português e de uma cafuza (mestiça de negro e índio), nasceu em Caxias (MA). Estudou Direito em Coimbra, mas não concluiu o curso, regressando ao Brasil em 1854. Foi professor de latim e História do Brasil no Colégio Pedro II e participou de várias missões de estudo no Brasil e na Europa. Regressou à Europa para tratamento de saúde. Ao voltar para o Brasil, morreu num naufrágio, nas costas do Maranhão.

A obra de Gonçalves Dias, pioneira em termos de realização poética de boa qualidade em nosso Romantismo, abrange os dois aspectos mais marcantes do nosso nacionalismo literário - o indianismo e a exaltação da Pátria Gonçalves Dias escreveu também poemas lírico-amorosos, em que revela quase sempre a impossibilidade de realização dos anseios afetivos diante de uma mulher idealizada. Seus versos, tais como os de sua "Canção do exílio", são melancólicos e exploram métricas, e ritmos variados. Cultivou também poemas religiosos, de fundo panteísta, que talam da manifestação de Deus na natureza.

Sua obra poética inclui os gêneros épico e lírico. Na épica, canta os feitos heróicos de índios valorosos, substitutos da figura do herói medieval europeu. Na lírica, tem como temas mais comuns a

pátria e a natureza. Deus, o índio e o amor não correspondido.

Na produção épica de Gonçalves Dias destacam-se dois poemas: "I-Juca-Pirama" e "Os timbiras", este inacabado. "I-Juca-Pirama", poema composto por 10 cantos, considerado o mais perfeito poema épico-indianista de nossa literatura, narra a história vivida por um índio tupi que cai prisioneiro de uma nação inimiga: os timbiras. O drama do prisioneiro reside nos sentimentos contraditórios provocados por sua prisão: de um lado, deseja morrer lutando, como guerreiro que sempre fora; de outro, deseja viver para cuidar do pai, doente e cego.

O prisioneiro é libertado e afirma que voltará a se entregar quando o pai vier a falecer. Os timbiras não acreditam em seu argumento e acusam-no de covarde. Posteriormente, o índio reencontra o pai, leva-lhe alimento, mas o velho, percebendo o cheiro das tintas e os ornamentos do ritual, descobre-lhe o segredo. Renega então o filho, levando de volta à tribo timbira e pede que ele seja sacrificado. No canto VIII, um momento de rara beleza, o pai amaldiçoa o filho. Em seguida, o índio luta bravamente, provando que não era covarde. No último canto são afirmadas as qualidades heróicas do guerreiro, que se transforma em nulo nas tradições da cultura timbira. O título do poema, extraído da língua tupi, já sugere a sina de seu protagonista: "o que há de ser morto".

Seguindo a tradição dos árcades Basílio da Gama e Santa Rita Durão, Gonçalves Dias soube atualizar e dar nova dimensão ao tema indianista, a dimensão de que necessitavam a nação recém - independente e a cultura brasileira, em fase de definição e consolidação.

O herói do poema não é apenas um índio tupi: representa todos os índios brasileiros ou, ainda, todos os brasileiros, uma vez que o índio foi, durante o Romantismo, o representante da nossa nacionalidade. Além disso, ao enfocar e pôr em discussão valores e sentimentos humanos profundos, como a bondade filial e a honra, o poema supera os limites da abordagem puramente indianista e ganha universalidade. I- Juca-Pirama representa em nossa cultura o passo decisivo para a transformação das manifestações nativistas da literatura colonial em manifestações conscientemente nacionalistas. O canto do índio tupi - misto de amor, honra e luta, assemelha-se ao do próprio poeta, também descendente de índios: um canto de amor à pátria e à raça ancestral; um canto de luta pela construção de uma poesia genuinamente brasileira.

Os mais importantes poemas indianistas de Gonçalves Dias são: "O Canto do Piaga., I -Juca Pirama, Marabá, Leito de folhas verdes e Canção do Tamoi".

Conforme as tradições indígenas, o prisioneiro é preparado para um cerimonial antropofágico em que serão vingados os mortos timbiras. Ao lhe pedirem, como é próprio do ritual, que cante seus feitos de guerra e que se defenda da morte, o prisioneiro responde aos inimigos narrando a trajetória sua vida e de sua tribo.

O texto a seguir constitui o IV canto do poema I-Juca Pirama, em que o Guerreiro cativo narra sua história e canta seus feitos de guerra, bravura e honra.

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:

Sou filho das selvas
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi.

Da tribo pujante.
Que agora anda errante
Por fado inconstante.
Guerreiros, nasci;
Sou bravo, sou forte.
Sou filho do norte;
Meu canto de morte
Guerreiro, ouvi.

Já vi cruas brigas,
De tribos imigas,
E as duras fadigas
Da guerra provei;
Nas ondas medaces
Senti pelas faces
Os silvos fugaces
Dos ventos que amei

Andei longes terras,
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras
Dos vis aimorés;
Vi lutas de bravos,
Vi fortes - escravos!
De estranhos ignavos
Calçados aos pés.

E os campos talados
E os arcos quebrados
E os piagas coitados
Já sem maracás;
E os meigos cantores
Servindo a senhores.
Que vinham traidores.
Com mostras de paz.

Ao velho coitado
De penas ralado,
Já cego e quebrado,
Que resta? - Morrer.
Enquanto descreve
O giro tão breve
Da vida que teve,
Deixai-me viver!

Aos golpes do imigo
Meu único amigo,
Sem lar, sem abrigo
Caiu junto a mi!
Com plácido rosto,
Seren e composto,
O acerbo desgosto
Comigo soufri.

Meu pai ao meu lado
Já cego e quebrado.
De penas ralado,
Firmava-se em mi:
Nós ambos, mesquinhos.
Por ínvios caminhos,
Cobertos d' espinhos
Chegamos aqui!

O velho no entanto
Sofrendo já tanto
De fome e quebranto

Só qu' ria morrer!
Não mais me contenho.
Nas matas me embrenho.
Das frechas que tenho
Me quero valer

Então, forasteiro,
Caí prisioneiro
De um troço guerreiro
Com que me encontrei:
O cru dessorsego
Do pai fraco e cego
Enquanto não chego,
Qual seja, - dizei!

Eu era o seu guia
Na noite sombria,
A só alegria
Que Deus lhe deixou.
Em num se firmava.
Em num se apoiava.
Em mim descansava,
Que filho lhe sou.

Não vil, não ignavo.
Mas forte mas bravo.
Serei vosso escravo:
Aqui virei ter.
Guerreiros, não como
Do pranto que choro;
Se a vida deploro,
Também sei morrer.

Canção do Exílio (Gonçalves Dias)

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores.
Nossos bosques têm mais vida.
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite.
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras.
Onde canta o Sabiá.
Minha terra tem primores
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite-
Mais prazer encontro eu lá:
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não, permita Deus que eu morra.
Sem que volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu' inda aviste as palmeiras.
Onde canta o Sabiá.

Segundo Manuel Bandeira, a "Canção do exílio foi o primeiro grande momento de inspiração do poeta Gonçalves Dias."

"Ainda que não tivesse escrito mais nada, ficaria por ela, o seu nome gravado para sempre no coração e na memória da sua gente".

(Manuel Bandeira).

De fato, é um dos poemas mais conhecidos popularmente no Brasil.

Ampliando o estudo do texto.

Em *Canção do exílio*, a natureza se confunde com primitivismo com americanismo, em contraste com Coimbra, metrópole civilizada, centro da cultura portuguesa nos séculos XVIII e XIX. No fundo, é uma postura que evoca as idéias de Rousseau: a civilização, corruptora do homem em oposição à selva, genitora do "bom selvagem".

O emprego de palavras como palmeira e Sabiá reforça seu caráter primitivista não explícito no poema. Por meio de uma relação metonímica, o autor sugere pela parte - palmeiras e sabiá - o todo, o Brasil.

O sabiá, personificado pela letra inicial maiúscula, aparece quatro vezes no poema e, ao rimar com os monossílabos cá e lá, cria uma sonoridade muito brasileira, nunca vista em nossa poesia colonial ou na poesia portuguesa.

A reiteração sonora da palavra sabiá forma uma espécie de gorjeio no interior do próprio poema: é o canto do pássaro se confundindo com o canto do homem.

Assim como o canto do pássaro é monótono e triste, igualmente o canto do homem é uma nostálgica canção de saudade da pátria.

A seleção vocabular, a utilização de ritmos e sonoridades *ao gosto dos* românticos faz da "*Canção do exílio*" nosso primeiro canto autenticamente brasileiro, o melhor exemplo do projeto romântico de construção de uma identidade nacional.

Como eu te amo

Como se ama o silêncio, a luz o aroma,
O orvalho numa flor, nos céus a estrela,
No largo mar a sombra de uma vela,
Que lá na extrema do horizonte assoma:
Como se ama o clarão da branca lua,
Da noite na mudez os sons da flauta,
As canções saudosíssimas do nauta,
Quando em mole vaivém a nau flutua;

Como se ama das aves o gemido,
Da noite as sombras e do dia as cores,
Um céu com luzes, um jardim com flores.
Um canto quase em lágrimas sumido;

Como se ama o crepúsculo da aurora,
A mansa viração que o bosque ondeia,
O sussurro da fonte que serpenteia.
Uma imagem risonha e sedutora;

Como se ama o calor e a luz querida,
A Harmonia, o frescor, os sons, os céus,
Silêncio, e cores e perfume, e vida,
Os pais e a pátria e a virtude e a Deus.

(Gonçalves Dias)

Álvares de Azevedo

Geração byroniana / a poesia ultra-romântica

A característica intrigante da obra de Álvares de Azevedo, principal expressão da geração ultra-romântica de nossa poesia. Paulista, fez os estudos básicos no Rio de Janeiro e cursava o quinto ano de Direito em São Paulo quando sofreu um acidente (queda de cavalo), cujas complicações o levaram à morte, aos 20 anos de idade.

O escritor cultivou a poesia, o teatro e o teatro. Toda a sua produção - sete livros, discursos e cartas — foi escrita em apenas quatro anos, período em que era estudante universitário. Por isso, deixou uma obra de qualidade irregular, se considerada no conjunto, mas de um grande significado na evolução da poesia nacional.

A característica intrigante de sua obra reside na articulação consciente de um projeto literário baseado na contradição, talvez a contradição que ele próprio sentisse como adolescente.

Perfeitamente enquadrada nos dualismos que caracterizam a linguagem romântica, essa contradição é visível nas partes que formam sua principal obra poética, *Lira dos vinte anos*. A primeira e a terceira partes mostram um Álvares de Azevedo adolescente, casto, sentimental ingênuo. Ele mesmo chama a essas partes de a face de Ariel, isto é, a face do bem, do qual o poema a seguir é um exemplo.

Soneto

Pálida, à luz da lâmpada sombria.
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar! Na escuma fria
Pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens d' alvorada
Que em sonhos se banhava e se [esquecia!

Era mais bela! O seio palpitando...
Negros olhos as pálpebras abrindo...
Formas nuas no leito resvalando...

Não te rias de mim meu anjo lindo?
Por ti- as noites eu velei chorando.
Por ti - nos sonhos morrerei sorrindo
(Álvares de Azevedo)

A ironia é um traço constante na obra literária de Álvares de Azevedo. É uma forma não passiva de ver a realidade, um modo de quebrar a noção de ordem e abalar as convenções do mundo burguês.

Enquanto o lado Caliban do poeta situa-se em uma das linhas que integram o Romantismo - a linha orgiaca e satânica — a ironia levada às últimas conseqüências abre ao poeta um veio novo: o veio anti-romântico. Constituindo outro paradoxo, o mais romântico dos nossos românticos lança o germe da própria superação do Romantismo, ao ironizar algumas das atitudes mais caras à sua geração: a pieguice amorosa e a idealização do amor e da mulher, como se observa nos versos do poema seguinte.

É Ela! É Ela! É Ela! É Ela!

É ela! É ela -, murmurou tremendo.
E o eco ao longe murmurou - é ela!
Eu a vi minha fada aérea e pura
A minha lavadeira na janela!

Dessas águas -furtadas onde eu moro
Eu a vejo estendendo no telhado
Os vestidos de chita, as saias brancas;
Eu a vejo e suspiro enamorado!

Esta noite eu usei mais atrevido
Nas telhas que estalavam nos meus passos
Ir espiar seu venturoso sono,
Vê-la mais bela de Morfeu nos braços!

Como dormia! que profundo sono!...
Tinha na mão o ferro do engomado...
Como roncava maviosa e pura?..
Quase caí na rua desmaiado!...

Castro Alves **A linguagem da paixão**

O poeta dos escravos, Castro Alves, é considerado a principal expressão condoreira da poesia brasileira. Nasceu na Bahia e fez estudos do Direito em Recife e em São Paulo. Sua obra representa, na evolução da poesia romântica brasileira, um momento de maturidade e de transição. Maturidade, em relação a certas atitudes ingênuas das gerações anteriores, como a idealização. Castro Alves dará um novo tratamento, mais crítico e realista. Transição, porque sua perspectiva mais objetiva e crítica diante da realidade aponta para o movimento literário subsequente. O Realismo, que, aliás, já havia muito predominava na Europa.

Trazendo inovações de forma e de conteúdo, a linguagem poética de Castro Alves, prenuncia a perspectiva crítica e a objetividade do Realismo, movimento literário da década seguinte.

Castro Alves cultivou a poesia lírica e social, de que são exemplos as obras esquemas flutuantes e A cachoeira de Paulo Afonso; a poesia épica, em Os escravo e o teatro, em Gonzaga e a Revolução de Minas.

Talvez seja Castro Alves o primeiro grande poeta social brasileiro. Como poucos, soube conciliar as idéias de reforma social com os procedimentos específicos da poesia, sem permitir que sua obra caísse no mero panfleto político - aliás, o grande risco para quem pretende fazer arte engajada. Isto é, com o compromisso de interferir politicamente no processo social.

Se compararmos Álvares de Azevedo - principal autor da segunda geração - a Castro Alves, perceberemos que Azevedo ao tratar do desequilíbrio entre o eu e o mundo, revela um desejo latente de transformação da realidade, com a qual não consegue integrar-se. Já em Castro Alves há uma tomada de posição: tanto em sua poesia lírica quanto na social, há a consciência dos problemas humanos e a busca de fórmulas para solucioná-los.

Desse modo, em vez de uma visão ufanista e idealizada da pátria, Castro Alves retrai o lado feio e esquecido pelos primeiros românticos: a escravidão dos negros, a opressão e a ignorância do povo brasileiro. A linguagem usada por Castro Alves para defender seus ideais liberais, é bastante carregada emocionalmente. beirando os limites da paixão.

"O navio negreiro"

É um poema épico-dramático que integra a obra Os escravos e, ao lado de "'VOZES d'África", da mesma obra, vem a ser uma das principais realizações épicas de Castro Alves.

O tema de "O navio negreiros" é a denúncia da escravidão e do transporte de negros para o Brasil. Quando o poema foi escrito, em 1868, já fazia dezoito anos que a Lei Euzébio de Queirós

proibira o tráfico de escravos, embora ainda não tivesse sido eliminada a escravidão em nosso país.

Portanto, sem o interesse de escrever sobre sua realidade imediata, Castro Alves faz uma recriação poética das cenas dramáticas do transporte de escravos no porão dos navios negreiros, valendo-se em grande parte dos relatos de escravos com quem conviveu, na Bahia, quando menino.

O texto que segue, a parte IV de "O navio negreiro", é a descrição do que se vê no interior de um navio negreiro. Perceba a capacidade de Castro Alves em nos fazer "ver" a cena, como se estivéssemos num teatro.

.....
.....

"Era um sonho dantesco!..o tombadilho,
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros...estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite.
Horrendos a dançar...
Negras mulheres, suspendendo as tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães;
Outras, moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas.
Em ânsia e mágoas vãs l
E ri-se a orquestra, irônica estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Se o velho arqueja, se no chão resvala.
Ouvem-se gritos... o chicote estala,
E voam mais e mais...
Presa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece.
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!
Mo entanto o capitão manda a manobra.
E após fitando o céu que se desdobra
Tão puro sobre o mar.
Diz do fuma entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..
E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual um sonho dantesco as sobras voam!
Gritos, ais.maldições, preces ressoam l
E ri-se Satanás!..."
[...]

A poesia lírica

Embora a lírica amorosa de Castro Alves ainda contenha um ou outro vestígio do amor platônico e da idealização da mulher, de modo geral ela representa um avanço decisivo na tradição poética brasileira, por ter abandonado tanto o amor convencional e abstrato dos clássicos quanto o amor cheio de medo e culpa dos primeiros românticos. Em vez de "virgem pálida", a mulher de boa parte dos poemas de Castro Alves é um ser corporificado e, mais que isso, participa amamente do envolvimento amoroso. E o amor é uma experiência viável, concreta.

Capaz de trazer tanto a felicidade e o prazer quanto a dor. Portanto o conteúdo de sua

lírica é uma espécie de superação da fase adolescente do amor e o início de uma fase adulta, mais natural, que aponta para uma objetividade maior, pronunciando o maior Realismo.

Boa noite

Boa noite, Maria! Eu vou-me embora.
A lua nas janelas bate em cheio.
Boa noite, Maria! É tarde... é tarde...
Não me apertes assim contra teu seio.

Boa noite!...E tu dizes- Boa noite,
Mas não mo digas assim por entre beijos...
Mas não mo digas descobrindo o peito,
-Mar de amor onde vagam meus desejos.

Julieta do céu! Ouve... a calhandra
Já rumoreja o canto da matina.
Tu dizes que eu menti?...Pois foi mentira....
...Quem cantou foi teu hábito, divina!

(Castro Alves)

Almeida Garrett Síntese Biográfica

João Batista da Silva Leitão (1799-1854), que mais tarde mudaria o nome para João Batista da Silva Leitão para de Almeida Garrett, estudou Direito em Coimbra, onde participou do movimento universitário. Casou-se em 1822. No ano seguinte foi obrigado a exilar-se na Inglaterra, devido às suas idéias liberais. Voltou a Portugal, foi preso e exilou-se novamente na Inglaterra. Retornando ao país com a vitória do liberalismo, foi nomeado inspetor - geral dos teatros, responsável pela organização do teatro português. Teve algumas grandes paixões, entre as quais Rosa de Montúfar, viscondessa da Luz, que lhe inspirou **Folhas caídas**. Em 1851 foi nomeado visconde e Par do Reino.

Obras

Poesia: Camões; Dona *Branca*; Lírica de João Mínimo; Folhas caídas; Flores sem fruto.

Prosa: Viagens na minha terra; O arco de Santana.

Teatro: Frei Luís de Sousa; Catão; Mérope; D. Filipa de Vilhena; O alfageme de Santarém.

Comentário crítico

Consciente de seu papel pioneiro, ao introduzir a estética romântica em Portugal, Almeida Garrett buscou diversificar sua produção: foi poeta, prosador e autor teatral.

Como poeta, além do já citado Camões, em versos decassílabos brancos. Isto é, compostos em dez sílabas poéticas mas sem rimas, Garrett escreveu, **Dona Branca**, publicado pouco depois. Apesar do desejo de escrever conforme a nova estética, Garrett atida era neoclássico na forma. Em sua maturidade intelectual, voltaria a escrever poemas, nesse momento mais distantes do racionalismo e caracterizados pela subjetividade romântica. Flores sem fruto e Folhas caídas são os livros de poemas dessa fase, em que ele expunha seus sentimentos de modo mais confessional.

Atento às raízes que o Romantismo buscava na cultura popular, Garrett inclui neste último volume algumas modinhas populares. Garrett publicou também crônicas para jorras e discursos

parlamentares. Para incentivar o teatro em Portugal, escreveu várias peças, dentre as quais se destaca Frei Luís de Sousa, como veremos mais adiante.

Viagens na minha terra

Obra bastante original e de difícil classificação, Viagens na minha terra é um conjunto de impressões do narrador, uma coletânea de crônicas de viagem. De acordo com o impulso evasivista dos românticos, Garrett se propôs a viajar. Porém não foi procurar países distantes ou exóticos: dirigiu-se ao interior de seu próprio país, para descobrir as aldeias e os vilarejos interioranos, que lhe proporcionam inúmeras surpresas.

Ao juntar essas crônicas, o autor criou algumas personagens, entre as quais o jovem Carlos e Joanhina, a menina dos rouxinóis. Garrett também tentou adotar uma linguagem simples e popular, utilizando um grande número de palavras e expressões do interior de Portugal.

Folhas caídas e Flores sem fruto

Os melhores poemas de Garrett estão em **Folhas caídas e Flores sem fruto**. São os que ele escreveu já na maturidade, quando havia incorporado de fato a visão romântica de mundo, cheia de lirismo e subjetividade. Mesmo assim, ainda surgem algumas construções e imagens que lembram poemas clássicos.

Almeida Garret, como bom romântico, usou e abusou de algumas metáforas: os olhos, as flores (em especial a rosa), o anjo.

Frei Luís de Sousa

Embora desejasse escrever um drama, isto é, um texto mais leve do que as tragédias dos autores clássicos, Garrett acabou dando um tom trágico a essa história que se inspirava em personagens verídicas.

D. João era um nobre português que acompanhara D. Sebastião à África. Passados sete anos sem que retornasse, sua esposa, D. Madalena, casa-se com D. Manuel Coutinho e tem uma filha, Maria. Quando a menina completa 13 anos, D. João volta. Sentindo-se terrivelmente abalada, e em pecado, D. Madalena decide ir para o convento; Maria, desesperada, morre durante a cerimônia de iniciação da mãe. D. Manuel também ingressa na vida religiosa, adotando o nome de Frei Luís de Sousa.

LEITURA INTERTEXTUALIDADE

TEXTO1 Este inferno de amar

Este inferno de amar - como eu amo
Quem mo pôs aqui n' alma...quem foi?
Esta chama que alenta e consome,
Que é vida - e que a vida destrói -
Como é que se veio a atear.
Quando - ai, quando se há de apagar?

Eu não sei, não me lembra o passado,
A outra vida que dantes vivi
Era um sonho talvez... [...]

Só me lembro que um dia formoso
Eu passei... dava o sol tanta luz!
E os meus olhos, que vagos giravam,
Em meus olhos ardentes os pus.
Que fez ela? Eu que fiz? - Não no sei;
Mas nessa hora a viver comecei...

(Almeida Garret)

TEXTO 2

Preciso aprender a ser só

Ah! Se eu pudesse fazer entender
Sem teu amor, eu não posso viver
Que sem nós dois, o que resta sou eu
Eu assim tão só
E eu preciso aprender a ser só
Poder dormir sem sentir teu calor
E ver que foi só um sonho e passou.

Ah! O amor
Quando é demais ao findar leva a paz
Me entreguei, sem pensar
Que a saudade existe e se vem
E tão triste, vê...
Meus olhos choram a falta dos teus
Esses olhos que foram tão meus
Por Deus entenda que assim eu não vivo
Eu morro pensando
No nosso amor

(**Marcos e Paulo Sérgio Valle**)

Barca Bela
Almeida Garrett

Pescador da barca bela,
Onde vais pescar com ela,
Que é tão bela.
Ó pescador?

Não vês que a última estrela
No céu nublado se vela?
Colhe a vela
Ó pescador!

Deita op lanço com cautela,
Que a sereia canta bela...
Mas cautela,
Ó pescador!

Não se enrede a rede nela.
Que perdido é remo e vela
Só de vê-la,
Ó pescador!

Pescador da barca bela,
Inda é tempo, foge dela.
Foge dela,
Ó pescador!

Não te amo
Almeida Garrett

Não te amo, quero-te: o amor vem d' alma.
E eu n' alma - tenho a calma,
A calma - do jazigo.
Ai! não te amo, não.

Não te amo, quero-te: o amor é vida.
E a vida - nem sentida
A trago eu já comigo.
Ai, não te amo, não!

Ai! não te amo, não; e só te quero
De um querer bruto e fero
Que o sangue me devora.
Não chega ao coração.

[...]

E infame sou, porque te quero; e tanto

Que de mim tenho espanto.
De ti medo e terror...
Mas amar!... não te amo, não.

O individualismo expresso no discurso em primeira pessoa do singular. O sentimentalismo, o poeta procura explicar o sentimento amoroso. Disseca-o analisa-o, tentando estabelecer diferenças entre amar e querer. Embora se trate de sentimentos, a razão do poeta é poderosa, pois busca diferenciar entre querer/ não querer/ amar, estabelecendo um jogo de oposições em que querer tem conotação erótica e amar conotação idealista. Exemplo: terceira estrofe.

No poema Barca bela, o pescador e a sereia são metáforas da figura feminina e do sofrimento de quem ama. (cantigas trovadorescas, medievalismo)

A disposição e o tipo de rimas utilizados, as aliterações, a presença do refrão, a simplicidade do vocabulário conferem ao poema uma musicalidade típica das cantigas trovadorescas.

O poema está constituído em redondilha maior (sete sílabas poéticas). Tanto a métrica como o ritmo conferem ao poema sonoridade, o que faz o texto aproximar-se de letras de música.

No poema Este inferno de amar existe um paradoxo, "esta chama que alenta e consome,/ Que é a vida - e que a vida destrói."

A penúltima estrofe apresenta um certo escapismo. O eu lírico foge para o *passado*, não deseja acordar de suas recordações.

Há uma visão pessimista do amor; o sentimento confunde-se com o sofrer.

Romantismo / Prosa

Amor de Perdição

(Camilo Castelo Branco)

Enredo

Espécie de Romeu e Julieta à lusitana, Amor de perdição narra a história do amor impossível entre Simão Botelho e Teresa de Albuquerque, jovens pertencentes a família nobres e inimigas. As duas famílias, há muito tempo estão brigadas e fazem de tudo para separa-los., já que não aceitam o namoro entre os jovens amantes. Simão é mandado para Coimbra. Teresa, para não aceitar a alternativa de casar-se com o primo Baltazar Cominho, ingressa num convento Simão. protegido pelo ferreiro João da Cruz e por Mariana, filha deste, permanece em Viseu. Ma partida de Teresa, enfurece-se com a insolência de Baltazar e o mata a tiro, entregando-se em seguida à justiça. Condenado à forca, tem depois sua sentença transformada em exílio. Nesse ínterim, Teresa, enfraquecida pela tristeza, adoece.

Condenado ao exílio, Simão parte. Quando o navio começa a largar, Simão ainda avista a amada no mosteiro em que foi recolhida, Teresa lhe acena de longe com um lençinho.. do convento de Monchique, Simão pressente a morte da amada. Acometido por uma febre, morre durante a viagem. Mariana, que o acompanha e que era a testemunha mais próxima do amor de Teresa e Simão. inclusive era quem servia de intermediária na troca de correspondência entre os dois, ao ver o corpo do herói ser lançado ao mar, atira-se atrás e agarra-se ao cadáver, optando por morrer junto ao amado.

Simão Botelho representa o herói romântico de extremismos emocionais (**tentativa de rapto da donzela, que gera mortes e,**

conseqüentemente o fim trágico do herói); Teresa, a heroína romântica; Mariana, a amante silenciosa (**ideal romântico**); João da Cruz; o camponês rústico, trabalhador, protetor de Simão; Baltazar Courinho, o burguês interesseiro, sem morai; Tadeu de Albuquerque, o pai autoritário que, por uma rivalidade particular, impede a felicidade da filha. Observa-se no transcorrer da trama do romance, uma ironia que se desenvolve em três aspectos; o autor ironiza sua própria obra, (autoironia); a ironia com o mundo, a ironia com os próprios personagens.

No início do romance percebe-se o autor ironizando os nomes das personagens, tão extensos que podiam constituir uma frase:

Domingos José Correia Botelho de Mesquita e Meneses, e D. Rita Teresa Margarida preciosa da Veiga Caldeirão Castelo Branco.

Outra ironia é a figura do herói: Simão Botelho é pobre, passa necessidades financeiras diferente do típico herói romântico. (**burguês**)

Percebe-se também ironia no tratamento dado às freiras do convento para onde Teresa é enviada. Descritas como especuladoras da vida alheia e que se embriagam de vinho e até possuem namorados.

[...]

Está escritã não é má rapariga. Só tem o defeito de se tomar da pingoleta; depois, não há quem a ature. Tem uma boa tença, mas gasta tudo em vinho, e tem ocasiões de entrar no coro a fazes ss, que é uma desgraça. Não tem outro defeito; é uma alma lavada, e amiga da sua amiga. É verdade que, às vezes quando anda azarotada, dá por paus e por pedras, e descobre os defeitos das suas amigas. [...] forte pouca vergonha! Lá que outra falasse, vá, mas ela, que tem sempre uns namorados pandilhas que bebem com ela na grade, isso lá me custa; mas, enfim, não há ninguém perfeito!... Boa rapariga é ela..., se não fosse aquele maldito vicio... (**observe o tom irônico, até sarcástico com que o autor se refere às senhoras recolhidas no convento, como freiras especuladoras da vida alheia**)

[...]

Teresa viu-o., adivinhou-o, a primeira de todas e exclamou;

-Simão!

O filho do corregedor não se moveu.

Baltazar, espavorido do encontro, fitando os olhos nele, duvidava ainda.

- É crível que este infame aqui viesse! exclamou o de Castro Daire.

-Simão deu alguns passos, e disse placidamente;

-Infame... eu! É por quê?

-Infame, e infame assassino! - replicou Baltazar. - Já fora da minha presença!

- É parvo este homem! — disse o acadêmico — Eu não discuto com sua senhoria,.. Minha senhora - disse ele a Teresa com a voz comovida e o semblante alterado unicamente pelos afetos do coração. - Sofra com resignação, da qual eu lhe estou dando um exemplo. Leve a sua cruz, sem amaldiçoar a violência, e bem pode ser que a meio caminho do seu calvário a misericórdia divina lhe redobre as forças.

[...]

Baltazar Coutinho lançou-se de ímpeto a Simão.

Chegou a apertar-lhe a garganta nas mãos; mas depressa perdeu o vigor dos dedos. Quando as damas chegaram a interpor-se entre os dois, Baltazar tinha o alto do crânio aberto por uma bala, que lhe entrara na frente. Vacilou um segundo, e caiu desamparado aos pés de Teresa.

[...]

Tadeu de Albuquerque, quando se recobrou do espanto, fez transportar a filha a uma das liteiras, e ordenou que dois criados a acompanhassem ao Porto. As irmãs de Baltazar seguiram o cadáver de seu irmão para a casa do tio.

(Teresa estava sendo transportada, por seu pai, do convento de Viseu para o de Monchique, no Porto, quando se deu o encontro entre Simão e Baltazar. Observe como as personagens Camilianas ultraromânticas são movidas exclusivamente pelos sentimentos.)

[...]

Dois homens ergueram o morto ao alto sobre a amurada. Deram-lhe o balanço para o arremessarem longe...E, antes que o baque do cadáver se fizesse ouvir na água, todos viram, e ninguém já pode segurar Mariana que se atirara ao mar.

[...]

O comandante olhou para o sítio donde Mariana se atirara, e viu, enleado no cordame, o avental, e à flor da água, um rolo de papéis, que os marujos recolheram na lancha Eram, como sabem, a correspondência de Teresa e Simão.

Pode-se observar pela leitura dos fragmentos que a sociedade foi na verdade a causadora da própria perdição. Não fossem inimigas as famílias, nada haveria acontecido. Três são as famílias destruídas. Simão arrasta para a morte; dois empregados de Baltazar Coutinho, do próprio Coutinho, do ferrador João da Cruz que é morto por vingança, da sua amada Teresa de Albuquerque, de Mariana, que se mata junto a ele atirando-se ao mar, e *ainda* provoca a destruição das três famílias, indo contra os princípios religiosos.

Cinco Minutos

(José de Alencar)

É uma história a que lhe vou contar, minha prima Mas é uma história e não um romance

Há mais de dois anos, seriam seis horas da tarde, dirigi-me ao Rocio para tomar o ônibus de Andaraí.

Mas chegando ao rocio, não vi mais ônibus algum: o empregado a quem me dirigi respondeu:

-Partiu há cinco minutos.

Resignei-me e esperei pelo ônibus de sete horas. Anoiteceu.

A hora marcada chegou o ônibus e apressei-me a ir tomar o meu lugar. Procurei, corno costume, o fundo do carro, a fim de ficar livre das conversas monótonas dos recebedores

O canto já estava ocupado por um monte de sedas, que deixou escapar um ligeiro farfalhar, conchegando-se para dar-me lugar. Sentei-me

O meu primeiro cuidado foi ver se conseguia descobrir o rosto e as formas que se escondiam nessas nuvens de seda e de rendas.

Era impossível.

Além de a noite estar escura, um maldito véu que caía de um chapeuzinho de palha não me deixava a menor esperança.

[...]

O ônibus parou; uma outra senhora ergueu-se e saiu.

Senti a sua mão apertar a minha mais estreitamente; vi uma sombra passar diante de meus olhos, e quando

dei acordo de mim, o carro rodava e eu tinha perdido a minha visão.

Recesso-me ainda ao ouvido uma palavra murmurada, ou antes suspirada quase imperceptivelmente:

- Non ti scordar di me!... (*não se esqueça de mim, trecho de uma ópera de Verdi de 1853*).

Resumo da história

Cinco Minutos, obra de José de Alencar, retrata de maneira um tanto curiosa a sociedade burguesa do Rio de Janeiro, a vida na corte de D. João VI.

O narrador conta para uma prima a história de amor vivida por ele, conseqüência da perda do ônibus, um atraso de somente cinco minutos. Ao tomar o ônibus seguinte o narrador senta-se ao lado de uma mulher que ao menor contato de sua mão, recolhe-se recatada. (**ideal romântico de mulher**). O ônibus pára, a donzela desce e o narrador a perde de vista, restando-lhe somente a visão de uma velha senhora. Durante 15 dias o narrador busca a amada, mas sempre se depara com a velha senhora. (**espaço: Andaraí**). No teatro, o narrador entende que a velha senhora é a mãe da donzela pela qual se apaixonara, para chamar a atenção da amada o narrador faz coisas que perturbam o silêncio da platéia do teatro: tosse, arrasta cadeiras etc. consegue uma aproximação bastante tímida com a moça que furtivamente deixa-lhe um lençinho perfumado com sândalo. Agora o narrador tem algo para guardar de sua amada; "um tesouro".

No dia seguinte, após o episódio do teatro, recebe uma carta da moça pedindo-lhe que a esqueça. O narrador resolve fazer uma viagem que durou 9 dias. Ao voltar recebe outra carta da donzela informando sua partida para Petrópolis, essa carta estava com um atraso de sete dias. o narrador parte para Petrópolis. indaga aos vizinhos e descobre onde mãe e filha estão hospedadas, a noite, no jardim da casa em que as duas estão, canta um trecho de uma ópera de Verdi, a mesma do teatro, (isso basta para que a moça venha ao seu encontro, descobre então a razão para o comportamento estranho e arredo da donzela; ela sofre de tuberculose, por isso foge do amor e da vida A moça dá-lhe de presente uma caixinha de pau-cetim gravada com letras de casco de tartaruga onde estão guardados; um retrato, uns fios de cabelos e uma carta na qual explica que já o conhecia e o amava mas não queria prendê-lo à sua má sorte, estava desenganada, ia morrer breve. Na carta se despede dizendo partir para a Itália em busca da saúde.

O narrador toma uma decisão, vai segui-la. Para alcançá-la compra um cavalo que morre ao chegar à praia (**após estafante corrida**) de onde o narrador avista passar ao largo o barco que conduz sua amada. Aluga uma canoa, paga um bom dinheiro ao velho pescador dono da canoa convencendo-o a atravessar a baía e alcançar o barco que conduz a donzela. O velho pescador empreende todo o estorço de que é capaz chegando até a nadar puxando a canoa, pois os remos, havia perdido durante um cochilo. O narrador resigna-se, tudo havia sido inútil mas o pescador ciente de seu dever, contrata um segundo homem e juntos remam, (**ideal romântico; honra, cumprimento da palavra empenhada**) Ainda em plena baía o narrador vê passar o vapor que leva mãe e filha para a Itália.

No dia seguinte à partida da donzela, recebe uma carta em que a moça reafirma a certeza de ser seguida por

ele. ("**sei que tu me segues, até logo**").

Enfim o narrador chega à Itália, encontra a moça muito abatida, resolve acompanhá-la até o fim (**amor acima de tudo**)

passam a viver juntos, a moça chama-se Cartola, um dia ela sofre uma crise e pede ao amado que a beije pela primeira e última vez. o amado obedece e dá-lhe o primeiro e quem sabe o último beijo de amor, casto e puro que foi como remédio para a doença. Carlota reage e pede para viver. Daí em diante a saúde foi voltando e os médicos afirmaram que a viagem lhe havia devolvido a saúde.

Casaram-se em Florença e viajaram pela Europa, alimentando-se de amor e música, recordações e arte. Voltaram para a trará natal (Brasil) - onde passaram a viver felizes, graças aos cinco minutos de arraso do narrador ao tomar o ônibus.

Trecho final da história

[...]

Eis, minha prima, a resposta à sua pergunta; eis por que este moço elegante, como teve a bondade de chamar-me, fez-se provinciano e retirou-se da sociedade, depois de ter passado um ano na Europa.

Podia dar-lhe outra resposta mais breve e dizer-lhe simplesmente que tudo isso sucedeu porque eu me atrasei cinco minutos.

Se tivesse sido pontual como um inglês, não teria tido uma paixão nem feito uma viagem; mas ainda estaria perdendo o meu tempo a passear pela rua do Ouvidor e a ouvir talar de política e teatro. (**cinco minutos, pequeno espaço de tempo para mudar completamente o modo de viver de uma pessoa**).

Isso prova que a pontualidade é uma excelente virtude para uma máquina- nas um grave defeito para um homem. (**emoção sobre a razão**)

Adeus, minha prima. Carlota impacienta-se, porque há muitas horas que lhe escrevo: não quero que ela tenha ciúmes desta carta e que me prive de enviá-la.

Minas, 12 de agosto.

Abaixo da assinatura havia um pequeno post- scriptum de uma letra fina e delicada.

"P.S. - Tudo isto é verdade, D..., menos uma coisa.

"Ele não tem ciúmes de minhas flores, nem podia ter, porque sabe que só quando seus olhos não me procuram é que vou visitá-las e pedir-lhes que me ensinam a fazer-me bela para agrada-lo.

"Nisto enganou-a; mas eu vingou-me, roubando-lhe um dos meus beijos, que lhe envio nesta carta.

"Não o deixe tugar, prima; iria talvez revelar a nossa felicidade ao mundo invejoso.

"Carlota"

Comentários

Os dois primeiros parágrafos curtos, estruturados de modo rápido parecem encenar a afirmativa de que a narrativa não será longa.

À luz da história, o título do livro explica a intenção do autor quando a importância do tempo para as pessoas, a vida se resolve em poucos minutos, a vida é passageira e cada minuto é importante, bastem poucos minutos para decidir o destino de um homem.

O narrador é o protagonista da história, não aparece o nome, apenas o nome da moça é declarado, dando a impressão de que todas as personagens com exceção de Carlota são personagens secundárias, e o que importa narrar é o amor entre duas pessoas, um amor

perseverante, feito de tranqüilidade e dedicação: um amor do ponto de vista da estética romântica. A heroína está sempre tugiando do narrador. Do ponto de vista da estética romântica, (**um verdadeiro amor**) quem ama verdadeiramente é capaz de renúncias e sacrifícios pelo bem da pessoa amada, o que importa é o bem estar da pessoa amada.

O narrador personagem segue a linearidade da narrativa, observa-se o discurso indireto livre quando aparece o diálogo entre as personagens, porém, predomina o discurso direto. pois o narrador conta sua própria história de amor. Uma história com final feliz, bem ao gosto dos românticos, construída pelas mãos habilidosas de José de Alencar.

O Teatro romântico

Martins Pena

O Juiz de paz da roça.

A 4 de outubro de 1838, pela companhia teatral de João Caetano, estreava o Juiz de paz da roça, sem alarde publicitário e pretensão histórica. Era a primeira comédia escrita por Martins Pena (1815-1848), de efeito popular e desambicioso, costurado com observação satírica um aspecto da realidade brasileira. Martins Pena é o fundador da nossa comédia de costumes. Admirável observador, ele fixou costumes e características que têm continuado através do tempo, e retratar as instituições nacionais. Retraio melancólico e primário, sem dúvida, mas exuberante de fidelidade. Em pleno surto do movimento romântico, idealizador de um nacionalismo róseo, Martins pena antecipa, com noção precisa, alguns dos nossos traços dominantes, ainda que menos abonadores. Não aprofunda caracteres ou situações. Vale, porém, a extensão , a vista panorâmica da realidade. O comediógrafo atinge religião e política, e esta no funcionamento dos três poderes — executivo. legislativo e judiciário. Queixa-se do presente, em face de um passado melhor. Define o estrangeiro no Brasil, e as reações do brasileiro, em face dele. Mostra a província e a capital, o sertanejo e o metropolitano, em suas diferenças básicas. Invetiva as profissões indignas e os tipos humanos inescrupulosos, denunciando inclusive a tráfico ilícito de negros, na sociedade escravocrata brasileira. Não lhe é estranha a galeria dos vícios individuais, como a avareza e a prevaricação, e tem um sabor especial ao satirizar as manias e as modas. Trata da constituição da família surpreendendo-lhe o mecanismo na análise do casamento, com o eterno conflito das gerações.

As personagens - mais que um esboço de individualidade e menos que um caráter agrupam-se em famílias de tipos segundo o lugar de nascimento: cariocas, sertanejos e estrangeiros; e de acordo com a categoria profissional: juiz, caixeiro, irmão das afaças, médico, meirinho etc. Excepcionalmente o comediógrafo investiga os vícios que seriam comuns à natureza humana, como um traço psicológico transcendente àquela categoria profissional, e, nesses casos, não foge aos caracteres consagrados na história do teatro: o ciumento, o bobo, o espertalhão etc. O aspecto bronco e rústico do roceiro, tem o lavrador Manuel João de **O Juiz de paz da roça.**

Ao lado das personagens caracterizadoras do imediatismo da sátira, pulula uma extensa galeria de jovens amorosos, que repetem quase sempre as mesmas situações, até o desfecho, no casamento. Na fixação dos numerosos tipos sociais, adotou um processo realista, em muitos aspectos semelhantes a de outros dramaturgos que o precederam. No estrangeiro, utilizou um instrumento universal especialmente paia a realidade brasileira, o que provoca o sabor e a atmosfera convincente de suas criações. Quanto à intriga amorosa, que é regra geral nas comédias e dramas, encontra exemplos semelhantes desde a Antiguidade . A forma de aproximação dos casais é que às vezes configura o observador original e a diferente imagem brasileira do sentimento.

Como regra, nas comédias, após vencer obstáculos transitórios, o par amoroso se une em definitivo. Assim acontece em o **Juiz de paz da roça.**

Quanto à psicologia do amor que sustenta a intriga sentimental das comédias; deve-se assinalar em Martins pena a confiança na inclinação romântica e espontânea que recusa os interesses financeiros e os arranjos paternos. O amor é de fato para ele o gosto exaltado de dois jovens, dispostos a fanar contra tudo para se unirem em matrimônio, A preferência dos pais pelos pretendentes velhos ou ricos é contrariada pela jovem sincera que inventa pretextos e participa de maquinações do rapaz amado para que o amor verdadeiro triunfe. Geralmente, os pais dispõem-se à conveniência, ao passo que as mães são sensíveis ao rogo das filhas.

Já se vê que, para condução dessas intrigas, prestava-se mais o processo da farsa. Escrevendo para o riso imediato da platéia, sem a procura de efeitos literários mais elaborados. Martins Pena revelou a sua fisionomia cômica. A intriga escorre, assim, fluida, vibrante, e as peripécias, para chegarem ao desfecho, são maquinadas à vista do espectador, reclamando desde logo sua cumplicidade e simpatia.

Como as comédias se desenvolvem sobretudo em tomo de uma situação, Martins Pena sente-se mais a gosto nas peças em um ato, que esgotam em pouco tempo o rendimento do entrecho.

Outro processo de que se vale Martins pena é a concentração excessiva de atos, para chegar ao desfecho. Tem rapidez inverossímil por exemplo, o casamento de O Juiz de paz da roça. São ingênuas freqüentemente as situações tramadas pelas personagens, ao lançar-se ao objetivo.

Trechos de O juiz de paz da Roça

Comédia em um ato

Personagens

Juiz de paz

Escrivão do juiz de paz

Manuel João, lavrador. [guarda nacional]

Maria Rosa, sua mulher

Aninha, sua filha

José [da Fonseca] amante de Aninha

Os lavradores: Inácio José, José da Silva, Francisca

Antônio, Manuel André, Sampaio

Tomás, Josefa [Joaquina]

Gregório

Negros

A cena é na roça

Cena I

Sala com uma porta no fundo. No meio uma mesa, junto à qual estarão cosendo Maria Rosa e Aninha.

Maria Rosa- Teu pai hoje tarda muito.
Aninha- Ele disse que tinha hoje muito que fazer.
Maria Rosa- Pobre homem! Mata-se com tanto trabalho? É quase meio-dia e ainda não voltou. Desde as quatro horas da manhã que saiu; está só com uma xícara de café.
[...]

Cena II

Entra José com calça e jaqueta branca.
José- Adeus, minha Aninha! (Quer abraçá-la)
Aninha- Fique quieto, não gosto destes brincquedos. Eu quero casar com o senhor, mas não quero que me abrace antes de nos casarmos. Esta gente quando vai à Corte, vem perdida. Ora diga-me, concluiu a venda do bananal que seu pai lhe deixou?
José- Concluí.
Aninha- Se o senhor agora tem dinheiro, por que não me pede a meu pai?
José- Dinheiro? Nem vintém!
Aninha- Nem vintém! Então o que fez do dinheiro? É assim que me ama? (chora)
José - Minha Aninha, não chores. Oh, se tu soubesses como é bonita a vida na Corte! Tenho um projeto que te quero dizer.
Aninha- Qual é?
José- Você sabe que eu agora estou pobre como João. e então tenho pensado em uma coisa. Nós nos casaremos na freguesia, sem que teu pai o saiba; depois partiremos para a Corte e lá viveremos.
[...]

Cena V

Entra Maria Rosa com uma tigela na mão, e Aninha a acompanha.
Manuel João —Adeus, senhora Maria Rosa. (Esse adeus não soa como despedida, mas sim como saudação de chegada.)
Maria Rosa- Adeus, meu amigo. Estás muito cansado?
Manuel João - Muito. Dá-me cá isso?
Maria Rosa- pensando que viria muito cansado, fiz a tigela cheia.
Manuel João- obrigado. (Bebendo:) Hoje trabalhei como gente... limpei o mandiocal. que estava muito sujo.Fiz uma derrubada do lado de Francisco Antônio...limpei a vala de Mana do Rosário, que estava muito suja e encharcada, e logo pretendo colher café. Aninha?
Aninha-Meu pai?
Manuel João- Quando acabares de jantar, pega em um samborá e vai colher o café que está à roda da casa.
Aninha- Sim senhor.
Manuel João- Senhora, a janta está pronta?
Maria Rosa- Há muito tempo.
Pois traga.
Maria Rosa- aninha, vai buscar a janta de teu pai. (Aninha sai.)
Manuel João- Senhora, sabe que mais?É preciso casarmos esta rapariga.
Maria Rosa—Eu já tenho pensado nisto; mas nós somos pobres, e quem é pobre não casa.
[...]
(Batem aporta) quem é?(Logo que Manuel João ouve bater na porta, esconde os pratos na gaveta e lambe os dedos.)
Escrivão, dentro - Dá licença. Senhor Manuel João?
Manuel João — Entre quem é.
Escrivão, entrando — Deus esteja nesta casa.

Maria Rosa e Manuel João- Amém.
Escrivão - Um criado da Senhora Dona e da Senhora Doninha.
Maria Rosa e Aninha — Uma sua criada. (Cumprimentam.)
Manuel João- O senhor por aqui a estas horas é novidade.
Escrivão - Venho da parte do senhor juiz de paz intimá-lo para levar um recruta à cidade.
Manuel João - Ó homem, não há mais ninguém que sirva para isto?
Escrivão - Todos se recusam do mesmo modo, e o serviço no entanto há - de se fazer
Manuel João- Sim, os pobres é que pagam.
[...]
Escrivão zangado- O senhor juiz manda dizer-lhe que se não for, irá preso. Manuel João- Pois diga com todos os diabos ao senhor juiz que lá irei.
Escrivão, à parte — Em boas hora o digas. Apre! custou-me achar um guarda As vossas ordens.
Manuel João - Mulher, arranja esta saia, enquanto eu vou tardar. (Sai)
[...]

Cena VII

Entra Manuel João com a mesma calça e jaqueta de chita, tamancos, barretinha da Guarda nacional, cinturão com baioneta e um grande pau na mão.
Manuel João - Estou fardado. Adeus, senhora, até amanhã (Dá um abraço)
Aninha - Abençoa meu pai.
Manuel João - Adeus menina.
Aninha- como meu pai vai à cidade, não se esqueça dos sapatos franceses que me prometeu,
Manoel João- Pois sim.
Maria Rosa - De caminho compre carne.
Manuel João- Sim. Adeus minha gente adeus.
Maria Rosa e Aninha- Adeus!(Acompanham-no até a porta.)
Manuel João, à porta- não se esqueça de mexer a farinha e de dar que comer às galinhas
Maria Rosa- não. Adeus! (Sai Manuel João)

Cena X

Em casa do juiz de paz.
Escrivão - Já intimei Manuel João para levar o preso à cidade.
Juiz- Bom. Agora vamos nós preparar a audiência (Assentam-se ambos à mesa e o juiz toca a campainha) Os senhores que estão lá fora no terreiro podem entrar. (Entram todos os lavradores vestidos como roceiros; uns de jaqueta de chita, chapéu de palha, calças brancas de ganga, de tamancos, descalços, outros calçam os sapatos e meias quando entram, etc. Tomás traz um leitão debaixo do braço) Está aberta a audiência. Os seus requerimentos?

Cena XI

Inácio José, Francisco Antônio, Manuel André, e Sampaio entregam seus requerimentos.
Juiz - Sr. Escrivão, faça o favor de ler.
Escrivão, lendo - Diz Inácio José, natural desta freguesia e casado com Josefa Joaquina. sua mulher na face da Igreja, que precisa que vossa senhoria mande a Gregório degradado para fora da terra, pois teve o atrevimento de dar uma embigada em sua mulher, na encruzilhada do Pau-grande, que quase a fez abortar, da qual embigada fez cair a dita soa mulher de pernas para o ar. Portanto pede a Vossa

Senhoria mande o dito Gregório degradado para Angola. E . R. M.

Juiz- É verdade, Sr. Gregório, que o senhor deu uma embigada na senhora?

Gregório- É mentira. Sr. juiz de paz, eu não dou embigadas em bruxas.

Josefa Joaquina- Bruxa é a marafona de tua mulher, malcriado! Já não se lembra que me deu uma embigada, e que me deixou uma marca roxa na barriga? Se o senhor quer ver, posso mostrar.

Juiz- nada, não é preciso; eu o creio.

Josefa Joaquina- Sr. Juiz, não é a primeira embigada que este homem me dá; eu é que não tenho querido contar a meu marido.

Juiz- Está bom, senhora, sossegue. Sr. Inácio José, deixe-se destas asneiras, dar embigadas não é crime classificado no Código. Sr. Gregório, faça o favor de não dar mais embigadas na senhora; quando não, arrumo-lhe com as leis às costas e meto-o na cadeia Queiram-se retirar.

Inácio José, para Gregório - Lá fora me pagarás.

[...]

Escrivão, lendo- Diz João de Sampaio que, sendo ele "senhor absoluto de um leitão que teve a porca mais velha da casa, aconteceu que o dito acima referido leitão finasse a cerca do Sr. Tomás pela parte de trás, e com a sem - cerimônia que tem todo o porco, fossasse a horta do mesmo senhor. Vou a respeito de dizer, Sr. Juiz, que o leitão, carece agora advertir, não tem culpa, porque nunca vi um porco pensar como um cão, que é outra qualidade de alimária e que pensa às vezes como homem. Para V. S.^a não pensar que minto, lhe conto uma história: a minha cadeia Tróia, aquela mesma que escapou de morder V. S." naquela noite, depois que lhe dei uma moda nunca mais comeu na cuia com os pequenos. Mas vou a respeito de dizer que o Sr. Tomás não tem razão Juiz - Muito obrigado. É o senhor uni homem de bem, que não gosta de demandas. E que diz que o Sr. Sampaio?

Sampaio- Vou a respeito de dizer que se Vossa Senhoria aceita, fico contente.

Juiz- Muito obrigado, muito obrigado! Faça o favor de deixar ver. Ó homem, está gordo, tem toucinho de quatro dedos! Com efeito! Ora Sr. Tomás, eu gosto tanto de porco com ervilha!

Tomás- Se Vossa senhoria quer, posso mandar algumas.

Juiz- Faz-me muito favor. Tome o leitão e bote no chiqueiro quando passar. Sabe onde é?

Tomás, tomando o leitão- Sim senhor.

Juiz- Podem se retirar, estão conciliados.

Sampaio- Tenho ainda um requerimento que fazer.

Juiz- então, qual é?

Sampaio - Desejava que Vossa Senhoria mandasse citar a Assembléia Provincial!

Juiz - Ó homem! Citar a Assembléia provincial? E para quê?

Sampaio - pra mandar fazer cercado de espinhos em todas as hortas.

Juiz - isto é impossível! A Assembléia Provincial não pode ocupar-se com estas insignificâncias.

Tomás - Insignificância, bem! mas os votos que Vossa Senhoria pediu-me para aqueles sujeitos não eram insignificância. Então me prometeu mundos e fundos.

Juiz - Está bom, veremos o que poderei fazer. Queiram-se retirar. Estão conciliados; tenho maiôes que fazer (saem os dois) Sr. Escrivão, faça o favor de...(Levanta-se apressado e, chegando à porta, grita para fora;) Ó Sr. Tomás! Não se esqueça de deixar o leitão no chiqueiro!

[...]

Escrivão, lendo - Diz Francisco António, natural de Portugal, porém brasileiro, que tendo de casado com Rosa de Jesus, trouxe esta por dote uma égua. "Ora, acontecendo ter a égua de minha mulher um filho, o meu vizinho José da Sirva diz que é dele, só porque o dito filho da égua de minha mulher saiu malhado como o seu cavalo. Ora, como os filhos pertencem às mães, e a prova disto é que a minha escrava Maria tem um filho que é meu, peço a V. S.^a mande o dito meu vizinho entregar-me o filho da égua que é de minha mulher."

Juiz - É verdade que o senhor tem o filho da égua preso?

José da Silva - E verdade; porém o filho me pertence, pois é meu que é do cavalo.

Juiz - Terá a bondade de entregar o filho a seu dono, pois é aqui da mulher do senhor.

José da Sirva - Mas, Sr, Juiz...

Juiz - Nem mais nem menos mais; entregue o filho, senão, cadeia.

José da Silva - Eu vou queixar-me ao presidente.

Juiz - Pois vá, que eu tomarei a apelação.

José da Silva- E eu embargo.

Juiz - embargue ou não embargue, embargue com trezentos mil diabos, que eu não concederei revista no auto do processo!

José da Sirva - Eu me mostrarei, deixe estar.

Juiz - Sr. Escrivão, não dê anistia a este rebelde, e mande-o agarrar para soldado.

José da Silva, com humildade - vossa Senhoria não se arrenege! Eu entregarei o pequirá.

Juiz - Pois bem, retirem-se; estão conciliados. (Saem os dois.) não há mais ninguém? Bom, está fechada a sessão. Hoje cansaram-me!

Manuel João, dentro - Dá licença?

Juiz - Quem é? Pode entrar.

Manuel João, entrando - Um criado de vossa Senhoria.

Juiz - Oh, é o senhor? Queira ter a bondade de esperar um pouco, enquanto vou buscar o preso.(Abre uma porta do lado). Queira sair para fora.

Cena XII

Entra José.

Juiz - Aqui está o recruta; queira levar para a cidade. Deixe no quartel do Campo de Santana e vá levar esta parte ao general. (Dá-lhe um papel)

Manuel João - Sim senhor,. Mas sr. Juiz, isto não podia ficar para amanhã? Hoje já é tarde, pode anoitecer no caminho e o sujeitinho fugir.

Juiz - Mas aonde há-de ele ficar? Bem sabe que não temos cadeias.

Manuel João - isto é o diabo!

Juiz - Só se o senhor quiser levá-lo para sua casa e prendê-lo até amanhã, ou num quarto, ou na casada farinha.

Manuel João - Pois bem, levarei.

Juiz - Sentido que não fuja

Manuel João - Sim senhor. Rapaz, acompanhe-me.(Saem Manuel João e José.)

Cena XVII / Casa de Manuel João

Entram Manuel João e José

Manoel João - Deus esteja nesta casa.

Maria Rosa - Manuel João!...

Aninha - Meu pai!...
Manuel João, para José -faça o favor de entrar.
Aninha, à parte - Meu Deus, é ele!
Maria Rosa- O que é isto? não foste para a cidade?
Manuel João — Não, porque era tarde e não queria que este sujeito fugisse no caminho.
Maria rosa - Então quando vais?
Manuel João - Amanhã de madrugada. Este amigo dormirá trancado naquele quarto. Onde está a chave?
Maria Rosa - Na porta
Manuel João - Amigo, venha cá. Ficará aqui até amanhã. Lá dentro há unia cama; entre, (José entra) Bom, está seguro. Senhora, vamos para dentro contar quantas dúzias temos de bananas para levar amanhã para a cidade. A chave fica em cima da mesa; lembrem-me, se me esquecer. (Saem Manuel João e Maria Rosa.)

Cena XVIII

Aninha, só - vou dar- escapula, mas como se deixou prender?... Ele me contará; vamos abrir.(Pega na chave que está sobre a mesa e abre a porta) Saia para fora
José, entrando - oh, minha Aninha, quanto te devo!
Aninha - Deixemo-nos de cumprimentos. Diga-me, Como se deixou prender?
José - Assim que botei os pés fora desta porta, encontrei com o juiz, que me mandou agarrar.
Aninha - Coitado!
José - E se teu pai não fosse incumbido de me levar, estava perdido, havia ser soldado por força.
Aninha — Se nós fugíssemos agora para nos casarmos?
José — Lembras muito bem. O vigário a estas horas está na igreja, e pode fazer-se tudo com brevidade.
Aninha - Pois vamos, antes que meu pai venha.
José - vamos. (Saem correndo.)

Cena XIX

Maria Rosa, entrando- O Aninha! Ó Aninha! Aonde está esta maldita? Aninha! Mas o que é isto? Esta porta aberta? Ah! Sr. Manuel João! Sr. Manuel João!
Manuel João, dentro - O que há?
Maria Rosa - Venha cá depressa. (Entra Manuel João em mangas de camisa.) Manuel João - Então, o que é? Maria Rosa - O soldado fugiu! Manuel João — O que dizes, mulher? Maria Rosa, apontando para a porta - Olhe!
Manuel João - O diabo! (Chega-se para o quarto.) É verdade, fugiu! Tanto melhor, não terei o trabalho de o levar à cidade. Maria Rosa - Mas ele não fugiu só... Manuel João Hem?!
Maria Rosa - Aninha fugiu com ele.
Manuel João - Aninha?!
Maria Rosa - Sim.
Manuel João - Minha filha fugiu com um vadio daqueles! Eis aqui o que fazem as guerras do Rio Grande!
Maria Rosa - Ingrata! Filha ingrata!
Manuel João - dê-me lá minha jaqueta e meu chapéu, que quero ir à casa do juiz de paz fazer queixa do que nos sucede. Hei-de mostrar àquele melquitrefe quem é Manuel João... Vá. senhora, não esteja a choramingar.

Cena XX

Entram José e Aninha e ajoelham-se aos pés de Manuel João.

Ambos - Senhor!
Manuel João - O que é lá isso?
Aninha - meu pai, aqui está o meu marido.
Manuel João - Teu marido?!
José - sim senhor, seu marido. Há muito tempo que nos amamos, e sabendo que não nos daneis o vosso consentimento. fugimos e casamos na freguesia.
Manuel João - E então? Agora peguem com um trapo quente. Está bom, levantem-se; já agora não há remédio.(Aninha e José levantam-se. Aninha abraça a mãe.)
Aninha - E minha mãe, me perdoa?
Maria Rosa - E quando é que eu não hei - de perdoar-te? Não sou tua mãe?
(
Abraçam-se).
Manuel João - É preciso agora irmos dar parte ao juiz de paz que você já não pode ser soldado pois está casado. Senhora, vá buscar minha jaqueta.
(Sai Maria Rosa) . Então o senhor conta viver à minha custa, e com o meu trabalho?
José - não senhor, também tenho braços para ajudar; e se o senhor não quer que eu aqui viva, ira para a corte.
Manuel João — E que vai fazer lá?
José - Quando não possa ser outra cousa, serei ganhador da Guarda nacional. Cada ronda rende um mil-réis e cada guarda três mil - réis.
Manuel João - Ora, vá-se com os diabos, não seja tolo. (Entra Maria Rosa com a jaqueta e chapéu. e de xale.)
Maria Rosa - aqui está.
Manuel João, depois de vestir a jaqueta - Vamos para a casa do juiz.
Todos - Vamos. (Saem)

Cena XXII

Entram Manuel João, Maria Rosa, Aninha e José.
Juiz, levantando-se - Então, o que é isto?
Pensava que já estava longe daqui !
Manuel João - não senhor, ainda não fui
Juiz - Isso vejo eu.
Manuel João — este rapaz não pode ser soldado.
Juiz - Oh, uma rebelião/ Sr, Escrivão, mande convocar a Guarda Nacional e oficie ao Governo.
Manuel João - Vossa Senhoria não se aflija, este homem está casado.
Juiz-Casado?!
Manuel João - Sim senhor, e com minha filha
Juiz - Ah, então não é rebelião... mas vossa filha casada com um biltre destes?
Manuel João - Tinha-o preso no meu quarto para levá-lo amanhã para a cidade; porém a menina, que foi mais esperta, furtou a chave e fugiu com ele.
Aninha - Sim senhor, Sr. Juiz. Há muito tempo que o amo, e como achei ocasião, aproveitei.
Juiz - a menina não perde ocasião! Agora, o que está feito está feito. OP senhor não irá mais para a cidade, pois está casado. Assim, não faiemos mais nisso. Já que estão aqui, hão -de fazer o favor de tomar uma xícara de café comigo, e dançarmos antes disto uma tirana. (Chega à porta) Ó António 1 vai à venda do Sr Manuel do Coqueiro e diz aos senhores que há pouca saíram daqui que façam o favor de chegarem até cá (Para José:) O senhor queira perdoar se o chamei de biltre; já aqui não está quem falou.

José - Eu não me escandalizo; vossa Senhoria tinha de algum modo razão, porém eu me emendarei.

Manuel João - E se não se emendar, tenho um reio. [...]

Cena Última

Os mesmos e os que estiveram em cena.

Juiz - Sejam bem-vindos, meus senhores.

(Cumprimentam-se) Eu os mandei chamar para tomarem uma xícara de café comigo e dançarmos um fiado em obséquio ao Sr. Manuel João, que casou sua filha hoje.

Todos - Obrigado a Vossa Senhoria

Inácio José, para Manuel João - Estimarei que sua filha seja feliz.

Os outros- Da mesma sorte

Manuel João - Muito obrigado.

Juiz — Sr. Escrivão, faça o favor de ir buscar a viola. (Sai o escrivão O. não façam cerimônia; suponham que estão em suas casas... haja liberdade. Esta casa não é agora do juiz de paz - é de João Rodrigues. Sr. Tomás, faz-me o favor? (Tomás chega-se para o juiz e este o leva para um canto) . O leitão ficou no chiqueiro?

Tomás — Ficou, sim senhor.

Juiz - Bom. (Para os outros :) vamos arranjar a roda. A noiva dançará comigo, e o noivo com sua sogra. Ó Sr Manuel João, arranje outra roda... vamos, vamos! (Arranjam as rodas; o escrivão entra com uma viola) os outros senhores abanquem-se... Sr. Escrivão, ou toque, ou dê a viola a algum dos senhores. Um fado bem rasgadinho... bem choradinho... Manuel João - Agora sou eu gente!

Juiz - bravo, minha gente! Toque, toque! (Um dos atores toca a tirana na viola; os outros batem palmas e caquinhos, e os demais dançam.)

Tocador,

Cantando - Ganinha, minha senhora,

Da maior veneração;

Passarinho foi-se embora

Me deixou penas na mão.

Todos - Se me dás que come,

Se me dás de bebê,

Se me pagas as casas.

Vou morar com você.

(Dançam)

Juiz - Assim, meu povo! Esquenta, esquenta!...

Manuel João Aferventa!...

Tocador

Em cima daquele morro Há um pé de ananás; Não há homem neste mundo Como o nosso juiz de paz.

Todos-

Se me dás que come,

Se me dás que bebê,

Se me pagas as casas.

Vou morar com você.

Juiz - Aferventa, aferventa!...

Realismo, Naturalismo e Parnasianismo

O Alienista de Machado de Assis

O Realismo

O Realismo é um movimento literário que teve início na França, em 1857, com a publicação do romance Madame Bovary, de Gustave Flaubert.

Constituindo uma oposição ao idealismo

romântico, o realismo propõe uma representação mais objetiva e fiel da vida humana. O romance não é mais visto como distração, e sim como meio de crítica às instituições sociais, denunciando principalmente a hipocrisia e a corrupção da classe burguesa.

Influenciado pelos métodos experimentais postos em voga em meados do século XIX pelas ciências naturais, os escritores realistas procuram criar suas personagens com base na observação direta da realidade. Por isso, saem a campo para fazer pesquisas e colher dados sobre o assunto que vão desenvolver, esforçando-se por dar aos romances um valor de documento da realidade.

• Situação histórica

A partir da segunda metade do século XIX, a sociedade européia apresenta significativas mudanças. A civilização burguesa, industrial e materialista começa a firmar-se; as idéias liberais espalham-se, provocando agitações políticas em muitos países; as cidades industriais crescem e atraem um grande número de operários, que começam a organizar-se em associações. As ciências naturais, por sua vez, desenvolvem-se, e os métodos de experimentação e observação da realidade passam a ser considerados os únicos capazes de explicar o mundo físico.

Em alguns pensadores e cientistas importantes dessa época, destacam-se:

•Auguste Comte (1798-1857) - Pensador francês considerado criador da Sociologia, que, segundo ele, deveria utilizar os mesmos métodos positivos das outras ciências: observação,

experimentação e comparação. Para Comte, só o conhecimento das leis da natureza ou da sociedade permitiria ao homem intervir para evitar ou provocar certos fenômenos.

•Proudhon (1809-1865) - pensador e político francês, anarquista e ateu, foi um ferrenho inimigo da sociedade burguesa. Propunha a construção de uma sociedade livre e absolutamente igualitária.

•Charles Darwin (1809-1882) - naturalista inglês que revolucionou o mundo com sua teoria sobre a evolução das espécies. Na base dessa teoria está a luta pela vida: em cada espécie animal existe uma permanente concorrência entre os indivíduos, e somente os mais fortes e aptos conseguem sobreviver. Para Darwin, a própria natureza se incumbem de realizar essa seleção natural,

que é o principal fator de evolução dos seres vivos. As idéias de Darwin provocaram enorme impacto, tendo sido violentamente combatidas pelos que acreditavam na criação do mundo por intervenção divina.

•Claude Bernard (1813-1878)- médico francês que se dedicou à pesquisas fisiológicas, fazendo importantes descobertas. Ajudou a dar bases científicas à Medicina, fundamentando suas conclusões na observação e investigação dos fenômenos biológicos.

•Karl Marx (1818-1883) - pensador alemão que elaborou uma teoria política que explica a história humana como a história das lutas de classes. Marx predizia o fim do capitalismo

como decorrência de suas contradições internas,

que culminariam na revolução do proletariado, que então assumiria o poder.

• Friedrich Engels (1820-1895) - socialista alemão, grande colaborador de Marx, com quem redigiu algumas obras importantes. Em seu livro **A situação das classes trabalhadoras na Inglaterra**, de 1845, denuncia a cruel exploração do operariado na fase inicial do capitalismo.

• Joseph-Ernest Renan (1823-1892) - historiador francês, racionalista e anticlerical, manifestou a confiança na ciência como libertadora do gênero humano. Escreveu Histórias das origens do cristianismo, cujo primeiro volume é **Vida de Jesus**, um livro que provocou muita polêmica pela humanização da figura de Cristo.

O Naturalismo

Nas obras de alguns escritores realistas, podemos distinguir certas características que definem uma tendência chamada Naturalismo.

O naturalismo enfatiza bastante o aspecto materialista da existência humana. Para os escritores naturalistas, influenciados pelas teorias das ciências experimentais da época, o homem era um simples produto biológico, cujo comportamento resultava da pressão do ambiente social e da hereditariedade psicofisiológica. Nesse sentido, dadas certas circunstâncias, o homem teria sempre as mesmas reações, instintivas e incontroláveis. Caberia ao escritor, portanto, armar em sua obra uma certa situação experimental e agir como um cientista em seu laboratório: descrever as reações sem nenhuma interferência de ordem pessoal ou moral.

Émile Zola (1840-1902) - escritor francês, descreve o trabalho do romancista como "observador que apresenta os fatos tais como os observa, aí aparece o experimentador e institui a experiência, fazendo com que as personagens se movimentem numa história particular para nela mostrar que a sucessão dos fatos será tal como o exige o determinismo dos fenômenos que se põem em estudo".

Machado de Assis, no conto O alienista, em que satiriza impietosamente a crença generalizada que havia na época no poder da ciência, que tudo explicaria, até os meandros da mente humana, cria o incrível doutor Simão Bacamarte, o médico de loucos e mostra que a vida não é tão simples como às vezes parece. O conto envolve interesses políticos, desejo de poder, levando as personagens a se envolverem num jogo de armadilhas em que chegam a trair as causas pelas quais lutavam.

Características das personagens de O Alienista

Dr. Simão Bacamarte: origem nobre, estudado, médico amante da Ciência, estudou na Europa, mas não aceitou exercer a medicina na corte de Portugal. Veio para o Brasil, estabeleceu-se em Itaguaí, casou-se aos 40 anos, fundou a Casa de Orates, origem da Casa Verde, como era conhecido o lugar onde ficavam os 'pacientes tratados por ele. Vale a pena atentar para a palavra pacientes, apresentar-se em destaque, os reclusos, seriam verdadeiramente loucos ou o louco era na realidade o médico? Louco por poder, prestígio e dinheiro que arrancava de seus internos ou das famílias dos internos.

Dona Evarista da Costa Mascarenhas: com 25 anos, viúva, casa-se com o Dr. Simão

Bacamarte. Não é bonita nem simpática. Também não escapou de ser recolhida na Casa Verde.

Crispim Soares: boticário em Itaguaí, amigo fiel de Simão Bacamarte. Segundo seu próprio julgamento é bajulador, lacaio, fraco, miserável... Desvio de caráter (Tendência naturalista) quando a primeira rebelião explode, Crispim acovarda-se, diz estar doente, mas logo bandeia-se para o lado de Porfírio (Interesse político) É casado com Cesária, uma grande amiga da esposa de Simão Bacamarte.

Porfírio: barbeiro em Itaguaí, comanda a primeira rebelião contra Simão Bacamarte, mas assim que assume o poder - o governo da vila - começa a agir movido pelos interesses políticos, traíndo a causa pela qual fartara. (Desvio de caráter, influência do medo?) tendência naturalista.

Padre Lopes: vigário do lugar, acompanha todos os acontecimentos de perto e tenta interceder em favor de algumas pessoas. (Crítica contra a igreja na pessoa de seu representante legal)

João Pina: outro barbeiro que também assume o governo em outra revolta contra o poder de Simão Bacamarte.

Capítulo 1

De como Itaguaí se tornou uma casa de Orates(Hospício, casa de loucos).

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo ele alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

- A ciência - disse ele a Sua Majestade- é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

Dito isto, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas. Aos quarenta anos casou-se com Dona Evarista da Costa Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz - de - fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe de Dona Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, são e inteligentes. Se além dessas prendas-únicas dignas da preocupação de um sábio, Dona Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.

Dona Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos.

[...]

Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou

inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção- o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de "louros imarcescíveis"- expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de imunidade doméstica; esteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

- A saúde da alma- bradou ele- é a ocupação mais digna do médico. -
- Do verdadeiro médico - emendou Crispim Soares, boticário da vila, e um dos seus amigos e comensais.

A vereança de Itaguaí, entre outros pecados de que é argüida pelos cronistas, tinha o de não fazer caso dos dementes. Assim é que cada louco furioso era trancado em uma alcova, na própria casa, e, não curado, mas descurado, até que a morte o vinha defraudar do benefício da vida; os mansos andavam à solta pela rua. Simão Bacamarte entendeu desde logo reformar tão ruim costume; pediu licença à Câmara para agasalhar e tratar no edifício que ia construir todos os loucos de Itaguaí e das demais vilas e cidades, mediante um estipêndio, que a Câmara lhe daria quando a família do enfermo o não pudesse fazer. A proposta excitou a curiosidade de toda a vila, e encontrou grande resistência, tão certo é que dificilmente se desarraigam hábitos absurdos, ou ainda maus. A idéia de manter os loucos na mesma casa, vivendo em comum, pareceu em si mesma um sintoma de demência, e não faltou quem o insinuasse à própria mulher do médico.

- Olhe Dona Evarista- disse-lhe o Padre Lopes, vigário do lugar- veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro. Isso de estudar sempre, sempre, não é bom, vira o juízo.

Dona Evarista ficou aterrada, foi ter com o marido, disse-lhe "que estava com desejos". um principalmente, O de vir ao Rio de Janeiro e comer tudo o que a ele lhe parecesse adequado a certo fim. Mas aquele grande homem, com a rara sagacidade que o distinguia, penetrou a intenção da esposa e redargüi-lhe sorrindo que não tivesse medo. Dali foi à câmara, onde os vereadores debatiam a proposta, e defendeu-a com tanta eloquência, que a maioria resolveu autoriza-lo ao que pedira, votando ao mesmo tempo um imposto destinado a subsidiar o tratamento, alojamento e mantimento dos doidos pobres. A matéria do imposto não foi fácil acha-la; tudo estava tributado em Itaguaí. Depois de longos estudos, assentou-se em permitir o uso de dois penachos nos cavalos dos enterros. Quem quisesse emplumar os cavalos de um coche mortuário pagaria dois tostões à Câmara, repetindo-se tantas vezes esta quantia quantas fossem as horas decorridas entre a do falecimento e a da última bênção na sepultura. O escrivão perdeu-se nos cálculos aritméticos do rendimento possível da nova taxa; e um dos vereadores, que não acreditava na empresa do médico, pediu que se relevasse a escrivão de um trabalho inútil.

Os cálculos não são precisos- porque o Dr. Bacamarte não arranja nada. Quem é que viu agora meter todos os doidos dentro da mesma casa?

Enganava-se o digno magistrado; o médico arranhou tudo. Uma vez empossado da licença começou logo a construir a casa. Era na Rua nova, a mais bela rua de ! tatuai naquele tempo, tinha cinqüenta janelas por lado, um pátio no centro, e numerosos cubículos para os hóspedes.

[...]

A Casa Verde foi o nome dado ao asilo, por alusão à cor das janelas, que peia primeira vez apareciam verdes em Itaguaí. Inaugurou-se com imensa pompa; de todas as vilas e povoações próximas, e até remotas, e da própria cidade do Rio de Janeiro, correu gente para assistir às cerimônias, que duraram sete dias. Muitos dementes já estavam recolhidos; e os parentes tiveram ocasião de ver o carinho paternal e a caridade cristã com que eles iam ser tratados.

[...]

Ao cabo de sete dias expiraram as festas públicas; Itaguaí tinha finalmente uma casa de orates.

Capítulo 2 Torrente de loucos

[...]

De todas as vilas e arraiais vizinhos afluíram loucos à Casa Verde. Eram furiosos, eram mansos, eram monomaniacos, era toda a família dos deserdados do espirito. Ao cabo de quatro meses, a Casa Verde era uma povoação. Não bastaram os primeiros cubículos; mandou-se anexar uma galeria de mais trinta e sete. O padre Lopes confessou que não imaginara a existência de tantos doidos no mundo, e menos ainda o inexplicável de alguns casos. Um, por exemplo, um rapaz bronco e vilão, que todos os dias, depois do almoço, fazia regularmente um discurso acadêmico, ornado de tropos, de antíteses, de apóstrofes, com seus recamos de Latim, e suas borlas de Cícero, Apuleto e Tertuliano. O Vigário não queria acabar de crer. Quê! Um rapaz que ele tira, três meses antes, jogando peteca na rua!...

-Não digo que não- respondia-lhe o alienista-, mas a verdade é o que Vossa Reverendíssima está vendo. Isto é todos os dias.

-Quanto a mim- tornou o vigário -, só se pode explicar pela confusão das línguas na torre de Babel, segundo nos conta a Escritura; provavelmente, confundidas antigamente as línguas, é fácil trocá-las agora, desde que a razão não trabalhe...

- Essa pode ser, com efeito, a explicação divina do fenômeno - concordou o alienista, depois de refletir um instante -, mas não é impossível que haja também alguma razão humana, e puramente científica, e disso trato...

[...]

- A Casa Verde — disse ele ao vigário — é agora uma espécie de mundo, em que há o governo temporal e o governo espiritual. E o padre Lopes ria deste pio trocado, e acrescentava com o único fim de dizer também uma chalaça; - Deixe estar, deixe estar, que hei de mandá-lo denunciar ao papa.

[...]

Capítulo 3

A ilustre dama, no fim de dois meses, achou-se a mais desgraçada das mulheres; caiu em profunda melancolia, ficou amarela, magra, comia pouco e suspirava a cada canto. Não ousava fazer-lhe

nenhuma queixa ou reproche, porque respeitava nele o seu marido e senhor, mas padecia calada, e definhava a olhos vivos. Um dia, ao jantar, como lhe perguntasse o marido o que é que tinha, respondeu tristemente que nada; depois atreveu-se um pouco, e foi ao ponto de dizer que se considerava tão viúva como dantes. E acrescentou: - Quem diria nunca que meia dúzia de lunáticos... Não acabou a frase; ou antes, acabou-a levantando os olhos ao teto - os olhos, que eram a sua feição mais insinuante -, negros, grandes, lavados de uma úmida, como os da aurora. Quanto ao gesto, era o mesmo que empregara no dia em que Simão Bacamarte a pediu em casamento.

[...]

- Consinto que vás dar um passeio ao Rio de Janeiro.

[...]

- Oh! Mas o dinheiro que será preciso gastar!

- suspirou Dona Evarista sem convicção.

- que importa? Temos ganho muito - disse o marido. Ainda ontem o escriturário prestou-me contas. Queres ver?

E levou-a aos livros. Dona Evarista ficou deslumbrada. Era uma via-láctea de algarismos. E depois levou-a às arcas, onde estava o dinheiro.

Deus! Eram montes de ouro, eram mil cruzados sobre mil cruzados, dobrões sobre dobrões; era a opulência.

Enquanto ela comia o ouro com os seus olhos negros, o alienista fitava-a, e dizia-lhe ao ouvido com a mais pérfida das alusões:

- Quem diria que meia dúzia de lunáticos...

Dona Evarista compreendeu, sorriu e respondeu com muita resignação:

- Deus sabe o que faz!

Capítulo 4

Uma Teoria Nova

[... ..]

Um dia de manhã- eram passadas três semanas -, estando Crispim Soares ocupado em temperar um medicamento, vieram dizer-lhe que o alienista o mandava chamar.

- Trata-se de negócio importante, segundo ele me disse- acrescentou o portador.

[...]

Simão Bacamarte recebeu-o com a alegria própria de um sábio, uma alegria abotoada de circunspecção até o pescoço.

- Estou muito contente- disse ele.

- Notícias do nosso povo? — perguntou o boticário com a voz trêmula

O alienista fez um gesto magnífico, e respondeu:

-Trata-se de coisa mais alta, trata-se de uma experiência científica. Digo experiência, porque não me atrevo a assegurar desde já a minha idéia; nem a ciência é outra coisa, Sr. Soares, senão uma investigação constante. Trate-se, pois, de uma experiência, mas uma experiência que vai mudar a face da Terra. A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente.

- Supondo o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão; por outros termos, demarquemos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, e só insânia.

O Vigário Lopes, a quem ele confiou a nova teoria,

declarou lisamente que não chegava a entendê-la, que era uma obra absurda, e, se não era absurda, era de tal modo colossal que não merecia princípio de execução.

[...]

A ciência contentou-se em estender a mão à teologia- com tal segurança, que a teologia não soube enfim se devia crer em si ou na outra. Itaguaí e o universo ficavam á beira de uma revolução.

[...]

Capítulo 5

O terror

[...]

- A Casa Verde é um cárcere privado - disse um médico em clínica.

Nunca uma opinião pegou e se grassou tão rapidamente. Cárcere privado: eis o que se repetia de norte a sul e de leste a oeste de Itaguaí - a medo, é verdade, porque durante a semana que se seguiu à captura do pobre Mateus, vinte e tantas pessoas - duas ou três de consideração -foram recolhidas à Casa Verde. O alienista dizia que só eram admitidos os casos patológicos, mas pouca gente lhe dava crédito.Sucediam-se as versões populares. Vingança, cobiça de dinheiro, castigo de Deus, monomania do próprio médico, plano secreto do Rio de Janeiro com o fim de destruir em Itaguaí qualquer germe de prosperidade que viesse a brotar, arvorecer, florir, com desdouro e míngua daquela cidade, mil outras explicações, que não explicavam nada, tal era o produto diária da imaginação pública.

[...]

Nisto chegou do Rio de Janeiro a esposa do alienista, a tia, a mulher e Crispim Soares, e toda a mais comitiva - ou quase toda - que algumas semanas antes partira de Itaguaí. O alienista foi recebe-la, com o boticário, o Padre Lopes, os vereadores e vários outros magistrados.

[...]

D. Evarista era a esperança de Itaguaí; contava-se com ela para minorar o flagelo da Casa Verde. Daí as aclamações públicas, a imensa gente que atulhava as ruas, as flâmulas, as flores e damascos às janelas. Com o braço apoiado no do Padre Lopes - Porque o eminente Bacamarte confiara a mulher ao vigário, e acompanhava-os a passo meditativo-. Dona Evarista voltava a cabeça a um lado e outro, curiosa, inquieta, petulante.

[...]

- A propósito da Casa Verde - disse o Padre Lopes escorregando habilmente para o assunto da ocasião - , a senhora vem achá-la muito cheia de gente.

- Sim?

- É verdade. Lá está o Mateus...

- O albaneiro?

- O albaneiro: Está o Costa, a prima do Costa, e Fulano e Sicrano, e...

- Tudo isso doido?

- Ou quase doido - obtemperou o padre.

- Mas então?

O vigário derreou os cantos da boca, à maneira de quem não sabe, ou não quer dizer tudo; resposta vaga, que se não pode repetir a outra pessoa, por falta de texto. Dona Evarista achou realmente extraordinário que toda aquela gente ensandecesse; um ou outro, vá; mas todos? Entretanto, custava-lhe duvidar; o marido era um sábio, não recolheria ninguém à casa verde sem prova evidente de loucura.

- Sem dúvida., sem dúvida... - ia pontuando o vigário.

[...]

Dona Evarista ficou estupefata quando soube, três dias depois, que o Martim Brito fora alojado na Casa Verde. Um moço que tinha idéias tão bonitas! As duas senhoras atribuíram o ato a ciúmes do alienista. Não podia ser outra coisa; realmente, a declaração do moço fora audaciosa demais.

Capítulo 6 - A Rebelião

Cerca de trinta pessoas ligaram-se ao barbeiro, redigiram e levaram uma representação à Câmara.

A Câmara recusou aceitá-la, declarando que a Casa Verde era uma instituição pública, e que a ciência não podia ser emendada por votação administrativa, menos ainda por movimento de rua.

- Voltai ao trabalho — concluiu o presidente -, é o conselho que vos damos.

[...]

Imagine-se a situação dos vereadores; urgia obstar ao ajuntamento, à rebelião, a luta, ao sangue. Para acrescentar ao mal, um dos vereadores, que apoiara o presidente, ouvindo agora a denominação dada pelo barbeiro à Casa Verde - "Bastilha da razão humana" - achou-a tão elegante, que mudou de parecer. Disse que entendia de bom aviso decretar alguma medida que reduzisse a Casa Verde; e porque o presidente, indignado, manifestasse em termos enérgicos o seu pasmo, o vereador fez esta reflexão:

- Nada tenho que ver com a ciência; mas se tantos homens em quem supomos juízo são reclusos por dementes, quem nos afirma que o alienado não é o alienista?

[...]

O alienista caminhou para a varanda da frente, e chegou ali no momento em que a rebelião também chegava e parava, defronte com as suas trezentas cabeças rutilantes de civismo e sombrias de desespero. - Morra! Morra! - bradaram de todos os lados, apenas o vulto do alienista assomou na varanda. Simão Bacamarte fez um sinal pedindo para falar; os revoltosos cobriram-lhe a voz com brados de indignação. Então, o barbeiro agitando o chapéu, a fim de impôr silêncio à turba, conseguiu aquietar os amigos, e declarou ao alienista que podia falar, mas acrescentou que não abusasse da paciência do povo como fizera até então.

[...]

- Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a administração da Casa Verde, estou pronto a ouvir-vos; mas se exigis que me negue a num mesmo, não ganhareis nada. Poderia convidar alguns de vós, em comissão dos outros, a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar - vos razão do meu sistema, o que não farei a

leigos, nem a rebeldes.

[...]

Disse isto o alienista e a multidão ficou atônita; era claro que não esperava tanto energia e menos ainda tamanha serenidade. Mas o assombro cresceu de ponto quando o alienista, cortejando a multidão com muita gravidade, deu-lhe as costas e retirou-se lentamente para dentro.

O barbeiro tornou logo a si, e, agitando o chapéu, convidou os amigos à demolição da Casa Verde; poucas vozes e frouxas lhe responderam. Foi nesse momento decisivo que o barbeiro sentiu despontar em si a ambição do governo; pareceu-lhe então que, demolindo a Casa Verde, e derrocando a influência do alienista, chegaria a apoderar-se da Câmara, dominar as demais autoridades e constituir-se senhor de Itaguaí. [...] Infelizmente, a resposta do alienista diminuiu o fugaz dos sequazes. O barbeiro, logo que o percebeu, sentiu um impulso de indignação e quis bradar-lhes. - Canalhas, Covardes! — mas conteve-se, e rompeu deste modo:

- Meus amigos, lutemos até o fim, a salvação de Itaguaí está nas vossas mãos dignas e heróicas. Destruamos a cárcere de vossos filhos e pais, de vossas mães e irmãs, de vossos parentes e amigos, e de vós mesmos. Ou morrereis a pão e água, talvez a chicote, na masmorra daquele indigno.

A multidão agitou-se, murmurou, bradou, ameaçou, congregou-se toda em derredor do barbeiro. Era a revolta que tornava a si da ligeira síncope, e ameaçava arrasar a Casa Verde.

- Vamos! - bradou Porfírio agitando o chapéu.

- Vamos! - repetiram todos.

[...]

Capítulo 7

O Inesperado

A revolução triunfante não perdeu um só minuto; recolheu os feridos à casa próximas, e guiou para a câmara. Povo e tropa fraternizaram, davam vivas ao el-rei, ao vice-rei, a Itaguaí. ao "ilustre Porfírio". Este ia na frente, empunhando tão destramente a espada, como se da fosse apenas uma navalha um pouco mais comprida. A vitória cingia-lhe a fronte de um nimbo misterioso. A dignidade de governo começava a enrijar-lhe os quadris.

[...]

Daí a nada o barbeiro, acompanhado de alguns de seus tenentes, entrava na sala da vereança, e intimava à Câmara a sua queda. A Câmara não resistiu, entregou-se, e foi dali para a cadeia. Então os amigos do barbeiro propuseram-lhe que assumisse o governo da vila, em nome de Sua Majestade. Porfírio aceitou o encargo, embora não desconhecisse (acrescentou) os espinhos que trazia; disse mais que não podia dispensar o concurso dos amigos presentes; ao que eles prontamente anuíram. o barbeiro veio à janela, e comunicou ao povo essas resoluções, que o povo ratificou, aclamando o barbeiro. Este tomou a denominação de - "Protetor da vila em nome de Sua Majestade e do povo".

[...]

Capítulo 8

As angústias do Boticário

Nunca um homem se achou em mais apertado lance; - a privança do alienista chamava-o ao lado deste, a vitória do barbeiro atraía-o ao barbeiro. Já a simples notícia da sublevação tinha-lhe sacudido fortemente a alma, porque ele sabia a unanimidade do ódio ao alienista; mas a vitória final foi também o golpe final. A esposa, senhora máscula, amiga particular de Dona Evarista, dizia

que o lugar dele era ao lado de Simão Bacamarte; ao passo que o coração lhe bradava que não, que a causa do alienista estava perdida, e que ninguém, por ato próprio, se amarra a um cadáver. [...] Insistindo, porém, a mulher, não achou Crispim Soares outra saída em tal crise senão adoecer; declarou-se doente, e meteu-se na cama

- Lá vai o Porfírio à casa do Dr. Bacamarte - disse-lhe a mulher no dia seguinte à cabeceira da cama -; vai acompanhado de gente.

- "Vai prendê-lo", pensou o boticário.

Uma idéia traz outra; o boticário imaginou que, uma vez preso o alienista, viriam também buscá-lo a ele, na qualidade de cúmplice. Esta idéia foi o melhor dos vesicatórios. Crispim Soares ergueu-se, disse que estava bom, que ia sair, e apesar de todos os esforços e protestos da consorte, vestiu-se e saiu.[...] o boticário caminhou resolutamente ao palácio do governo, não à casa do alienista.[...]Os altos funcionários que lhe ouviam esta declaração, (**de adesão**) sabedores da intimidade do boticário com o alienista, compreenderam toda a importância da adesão nova, e trataram Crispim Soares com apurado carinho; afirmaram-lhe que o barbeiro não tardava; Sua Senhoria tinha ido à Casa Verde, a negócio importante, mas não tardava Deram-lhe cadeira, refrescos, elogios; disseram-lhe que a causa do ilustre Porfírio era a de todos os patriotas; ao que o boticário ia repetindo que sim, que nunca pensara outra coisa, que isso mesmo mandaria declarar a Sua Majestade.

Capítulo 9

Dois lindos casos

Não se demorou o alienista em receber o barbeiro; declarou-lhe que não tinha meios de resistir, e portanto estava prestes a obedecer. Só uma coisa pedia, é que o não constrangesse a assistir pessoalmente à destruição da Casa Verde.

Engana-se Vossa Senhoria - disse o barbeiro depois de alguma pausa -, engana-se em atribuir ao governo intenções vandálicas. Com razão ou sem ela, a opinião crê que a maior parte dos doidos ali metidos estão em seu perfeito juízo.mas o governo reconhece que a questão é puramente científica, e não cogita em resolver com posturas as questões científicas. Demais, a Casa Verde é uma instituição pública; tal a aceitamos das mãos da Câmara dissolvida. Há, entretanto -por força que há de haver um alvitre intermédio que restitua o sossego ao espírito público.

[...]

O governo, concluiu o barbeiro, folgaria se pudesse contar, não já com a simpatia senão com a benevolência do mais alto espírito de Itaguaí, e seguramente do reino. Mas nada disso alterava a nobre e austera fisionomia daquele grande homem, que ouvia calado, sem desvanecimento, nem modéstia, mas impassível como um deus de pedra.

[...]

- Dois lindos casos! - murmurou o alienista.

Capítulo 10

A restauração

Dentro de cinco dias, o alienista meteu na Casa Verde cerca de cinquenta aclamadores do novo governo. O povo indignou-se. O governo, atarantado, não sabia reagir. João Pina, outro barbeiro, dizia abertamente nas

ruas, que o Porfírio estava "vendido ao ouro de Simão Bacamarte", frase que congregou em torno de João Pina a gente mais resoluta da vila Porfírio, vendo o antigo rival da navalha à testa da insurreição, compreendeu que a sua perda era irremediável, se não desse um grande golpe; expediu dois decretos, um abolindo a Casa Verde, outro, desterrando o alienista. João Pina mostrou claramente, com grandes frases, que o ato de Porfírio era um simples aparato, um engodo, em que o povo não devia crer. Duas horas depois caía Porfírio ignominiosamente, e João Pina assumia o difícil tarefa do governo. Como achasse nas gavetas as minutas da proclamação, da exposição ao vice-rei e de outros aros inaugurais do governo anterior, deu-se pressa em os fazer copiar e expedir; acrescentam os cronistas, e aliás subentende-se, que ele lhes mudou os nomes, e onde o outro barbeiro falara de uma câmara corrupta, falou este de "um intruso das más doutrinas francesas, e comentário aos sacrossantos interesses de Sua Majestade". Etc.

Nisto entrou na vila uma força mandada pelo vice-rei, e restabeleceu a ordem O alienista exigiu desde logo a entrega do barbeiro Porfírio. e bem assim a de uns cinquenta e tantos indivíduos, que declarou mentecaptos; e não só lhe deram esses, como afiançaram entregar-lhe mais dezenove sequazes do barbeiro, que convalesciam das feridas apanhadas na primeira rebelião.

[...]

Mas a prova mais evidente da influência de Simão Bacamarte foi a docilidade com que a câmara lhe entregou o próprio presidente. Este digno magistrado tinha declarado em plena sessão, que não se contentava, para lavá-lo da afronta dos Canjicas, com menos de trinta almudes de sangue; palavra que chegou aos ouvidos do alienista por boca do secretário da câmara, entusiasmado de tamanha energia. Simão Bacamarte começou por meter o secretário na Casa Verde, e foi dali à câmara, à qual declarou que o presidente estava padecendo da ""demência dos touros", um gênero que ele pretendia estudar, com grande vantagem para os povos. A Câmara a principio hesitou, mas acabou cedendo.

Daí em diante foi uma coleta desenfreada. Um homem não podia dar nasença ou curso à mais simples mentira do mundo, ainda daquelas que aproveitam ao inventor ou divulgador, que não fosse logo metido na Casa Verde. Tudo era loucura. Os cultores de enigmas, os fabricantes de charadas, de anagramas, os maldizentes, os curiosos da vida alheia, os que põem todo o seu cuidado na tafularia, um ou outro almotacé enfunado, ninguém escapava aos emissários do alienista. Ele respeitava as namoradas e não poupava as namoradeiras, dizendo que as primeiras cediam a um impulso natural, e as segundas a um vício. Se um homem era avaro ou pródigo ia do mesmo modo para a Casa Verde; daí a alegação de que não havia regra para a completa sanidade mental.

[...]

- Onde é que este homem vai parar? - diziam os principais da terra. — Ah! Se nós tivéssemos apoiado os canjicas...

Um dia de manhã - dia em que a câmara devia dar um grande baile - a vila inteira ficou abalada com a notícia de que a própria esposa do alienista fora metida na Casa Verde. Ninguém acreditou; devia ser invenção de algum gaiato. E não era: era a verdade pura Dona Evarista fora recolhida às duas horas da noite. O Padre Lopes correu ao alienista e interrogou-o discretamente acerca dos fatos.

- Já há algum tempo que eu desconfiava - disse

gravemente o marido. - A modéstia com que ela vivera em ambos os matrimônios não podia conciliar-se com o furor as sedas, veludos, rendas e pedras preciosas que manifestou, logo que voltou do Rio de Janeiro.

[...]

Capítulo 11

O Assombro de Itaguaí

E agora prepare-se o leitor para o mesmo assombro em que ficou a vila ao saber um dia que os loucos da Casa Verde iam todos ser postos na rua.

-Todos?

-Todos.

-É impossível; alguns, sim, mas todos...-Todos. Assim o disse ele no ofício que mandou hoje de manhã à Câmara.

[...]

O assombro de Itaguaí foi grande; não foi menor a alegria dos parentes e amigos dos reclusos. Jantares, danças, luminárias, músicas, tudo houve para celebrar tão fausto acontecimento.

E vão assim as coisa humanas! No meio do regozijo produzido pelo ofício de Simão Bacamarte, ninguém advertia na frase final do §4º, uma frase cheia de experiências futuras.

Capítulo 12

O final do § 4º

Apagaram-se as luminárias, reconstituíram-se as famílias, tudo parecia reposto nos antigos eixos. Reinava a ordem, a Câmara exercia outra vez o governo, sem nenhuma pressão externa; o próprio presidente e o vereador Freitas tomaram aos seus lugares.

[...]

Não só findaram as queixas contra o alienista, mas até nenhum ressentimento ficou dos aios que ele praticara; crescendo que os reclusos da Casa Verde, desde que ele declarara plenamente ajuizados, sentiram-se tomados de profundo reconhecimento e férvido entusiasmo. Muitos entenderam que o alienista merecia uma especial manifestação, e deram-lhe um baile, ao qual se seguiram outros bailes e jantares.

[...]

Não só menos íntima ficou a amizade do alienista e do boticário. Este concluiu do ofício de Simão Bacamarte que a prudência é a primeira das virtudes em tempos de revolução, e apreciou muito a magnanimidade do alienista que, ao dar-lhe a liberdade, estendeu-lhe a mão de amigo velho.

[...]

Entretanto, a Câmara, que respondera ao ofício de Simão Bacamarte, com a ressalva de que oportunamente estatuiria em relação ao final do §4º, tratou enfim de legislar sobre de. Foi adotada sem debate, uma postura autorizando o alienista a agasalhar na Casa Verde as pessoas que se achassem no gozo do perfeito equilíbrio das faculdades mentais.

[...]

Ao cabo de cinco meses estavam alojadas umas dezoito pessoas; mas Simão Bacamarte não afrouxava; ia de rua em rua, de casa em casa, espreitando, interrogando, estudando; e quando colhia um enfermo, levava-o com a mesma alegria com que outrora os arrebanhava as dúzias. Essa mesma desproporção confirmava a teoria nova;

achara-se enfim a verdadeira patologia cerebral.

[...]

Os alienados foram alojados por classes. Fez-se uma galeria de modestos, isto 4 dos toucas em quem predominava esta perfeição moral; outra de tolerantes, outra de verídicos, outra de símplices, outra de leais, outra de magnoânimos, outra de sagazes, outra de sinceros, etc. Naturalmente, as famílias e os amigos dos reclusos bradavam contra a teoria; e alguns tentaram compelir a Câmara a cassar a licença. A Câmara, porém, não esquecera a linguagem do vereador Galvão, e se cassasse a licença, vê-lo-ia na rua, e restituído ao lugar; pelo que, recusou. Simão bacamarte oficiou aos vereadores, não agradecendo, mas felicitando-o por esse ato de vingança pessoal.

[...]

Chegou o fim do prazo, a Câmara autorizou um prazo de seis meses para ensaio dos meios terapêuticos. O desfecho deste episódio da crônica itaguaiense é de tal ordem, e tão inesperado, que merecia nada menos de dez capítulos de exposição; mas contento-me com um que será o remate da narrativa, e um dos mais belos exemplos de convicção científica e abnegação humana.

Capítulo 13

Plus Ultra!

Era a vez da terapêutica. Si mão Bacamarte, ativo e sagaz em descobrir enfermos, excedeu-se ainda na diligência e penetração com que principiou a trata-los. Neste ponto todos os cronistas estão de pleno acordo: o ilustre alienista fez curas pasmosas, que exercitaram a mais viva admiração em Itaguaí

No fim de cinco meses e meio estava vazia a Casa Verde; todos curados! O vereador Galvão tão cruelmente afligido de moderação e equidade, teve a felicidade de perder um tio; digo felicidade, porque o tio deixou um testamento ambíguo, e ele obteve uma boa interpretação, corrompendo os juizes, e embaçando os outros herdeiros. A sinceridade do alienista manifestou-se nesse lance; confessou ingenuamente que não teve parte na cura: foi a simples vis medicatrix (força medicinal) da natureza. Não aconteceu o mesmo com o padre Lopes. Sabendo o alienista que ele ignorava perfeitamente o hebraico e o grego, incumbiu-o de fazer uma análise crítica da versão dos Setenta (versão da Bíblia preparada por setenta sábios segundo a tradição); o padre aceitou a incumbência, e em boa hora o fez; ao cabo de dois meses possuía um livro e a liberdade. Quanto à senhora do boticário, não ficou muito tempo na célula que lhe coube, e onde abas lhe não faltaram carinhos.

[...]

Agora, se imaginais que o alienista ficou radiante ao ver sair o último hóspede da Casa Verde, mostrais com isso que ainda não conheceis o nosso homem. Plus ultra" Era a sua divisa. Não lhe bastava ter descoberto a teoria verdadeira da loucura; não o contentava ter estabelecido em Itaguaí o reinado da razão. Plus ultra! Não ficou alegre, ficou preocupado, cogitativo; alguma coisa lhe dizia que a teoria nova tinha, em si mesma, outra e novíssima teoria.

"Vejam", pensava ele; "vejam se chego enfim à última verdade."

Dizia isto, passeando ao longo da vasta sala, onde fulgurava a mais rica biblioteca dos domínios ultramarinos de Sua Majestade. Um amplo chambre de damasco, preso à cintura por um cordão de seda, com borlas de ouro (presente de uma Universidade) envolvia o corpo majestoso e austero do ilustre alienista. A cabeleira cobria-lhe uma extensa e nobre calva adquirida nas cogitações quotidianas da ciência. Os pés, não delgados e femininos, não graúdos e mariolas, mas proporcionados ao vulto, eram resguardados por um par de sapatos cujas fivelas não passavam de simples e modesto latão. Vede a diferença: - só se lhe notava luxo naquilo que era de origem científica; o que propriamente vinha dela trazia a cor da moderação e da singeleza, virtudes tão ajustadas à pessoa de um sábio.

Era assim que ele ia, o grande alienista, de um cabo a outro da vasta biblioteca, metido em si mesmo, estranho a todas as coisas que não fosse o tenebroso problema da patologia cerebral. Súbito, parou. Em pé, diante de uma janela, com o cotovelo esquerdo apoiado na mão direita, aberta, e o queixo na mão esquerda, fechada, perguntou ele a si:

-Mas deveras estariam eles doidos, e foram curados por mim - ou o que pareceu cura não foi mais do que a descoberta do perfeito desequilíbrio do cérebro?

E cavando por aí abaixo, eis o resultado a que chegou: os cérebros bem organizados que ele acabava de curar eram tão desequilibrados como os outros. Sim, dizia ele consigo, eu não posso ter a pretensão de haver-lhes incutido um sentimento ou uma faculdade nova; uma e outra coisa existiam no estado latente, mas existiam.

Chegado a esta conclusão, o ilustre alienista teve duas sensações contrárias, uma de gozo, outra de abatimento. A de gozo foi por ver que, ao cabo de longas e pacientes investigações, constantes trabalhos, luta ingente com o povo, podia afirmar esta verdade:- não havia loucos em Itaguaí; Itaguaí não possuía um só mentecapto. Mas tão depressa esta idéia lhe refrescara a alma outra apareceu que neutralizou o primeiro efeito; foi a idéia da dúvida Pois quê! Itaguaí não possuiria um único cérebro concertado? Esta conclusão tão absoluta não seria por isso mesmo errônea, e não vinha, portanto, destruir o largo e majestoso edifício da nova doutrina psicológica?

"Sim, há de ser isso", pensou ele.

Isso é isto. Simão Bacamarte achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental! e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto. Duvidou logo é certo, e chegou mesmo a concluir que era ilusão; mas sendo homem prudente, resolveu convocar um conselho de amigos, a quem interrogou com franqueara A opinião foi afirmativa.

-Nenhum defeito?

-Nenhum - disse em cor a assembléia

-Nenhum vício?

-Nada Tudo perfeito?

-Tudo.

Não, impossível - bradou o alienista - Digo que não sinto em mini essa superioridade que acabo de ver definir com tanta magnificência A simpatia é que vos faz falar. Estudo-me e nada acho que

justifique os excessos da vossa vontade.

A assembléia insistiu; o alienista resistiu; finalmente o Padre Lopes explicou tudo com este conceito digno de um observador

- Sabe a razão por que não vê as suas elevadas qualidades, que aliás todos nós admiramos? É porque tem ainda uma qualidade que realça as outras: - a modéstia

- Era decisivo. Simão Bacamarte curvou a cabeça, juntamente alegre e triste, e ainda mais alegre do que triste. Ato contínuo, recolheu-se à Casa Verde. Em vão a mulher e os amigos lhe disseram que ficasse, que estava perfeitamente são e equilibrado: nem rogos nem sugestões nem lágrimas o detiveram um só instante.

- A questão é científica - dizia ele -; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática

- Simão! Simão! Meu amor! - dizia-lhe a esposa com o rosto lavado em lágrimas.

Mas o ilustre médico, com os olhos acesos da convicção científica, trancou os ouvidos à saudade da mulher, e brandamente a repeliu. Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada. Alguns chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco, além dele em Itaguaí; mas esta opinião, fundada em um boato que correu desde que o alienista expirou, não tem outra prova senão o boato; e boato duvidoso, pois é atribuído ao Padre Lopes, que com tanto fogo realçara as qualidades do grande homem. Seja como for, efetuou-se o enterro com muita pompa e rara solenidade.

Machado de Assis, com humor, no conto O Alienista, apresenta uma visão crítica dos conceitos de sanidade e loucura colocando em questão os limites que separam uma da outra. Quem realmente seria louco em nossa louca sociedade? Quem seria realmente são? Coloca em questão os valores de uma sociedade hipócrita e oportunista em que tudo vale para conseguir o poder e o prestígio.

O alienista - a História

O alienista conta as aventuras atrapalhadas do doutor Simão Bacamarte, cientista que monta um hospício em Itaguaí, a Casa Verde. A base do projeto científico do médico é separar o reino da loucura do perfeito juízo. A realidade, porém, é um tanto mais complexa e gera uma brutal confusão. O modo como sanidade e loucura se misturam na mente humana frustra e aborrece o doutor. Na seleção dos loucos, ele tem de definir o que é normalidade. A aparência ou a vida interior das pessoas ligeiramente diferente da norma era suficiente para justificar a internação.

No início, o doutor Simão foi bem recebido pelos moradores de Itaguaí, quando ele recolhe os loucos tradicionais da comunidade. Mas as pessoas passaram a se preocupar quando o médico recolhe, na Casa Verde, alguns pacientes tidos como normais pela população. Na primeira etapa os internados manifestaram hábitos e atitudes discutíveis, mas toleradas pela sociedade. Gente sem opinião própria, os mentirosos, os poetas de versos empolados, os vaidosos etc.

Um dia, Bacamarte inverte seus valores numa mudança que causa espanto nos habitantes de

Itaguaí. Ele solta todos os reclusos e passa a internar os leais, os justos e os honestos. Os bastiões da moralidade da cidade passaram a ser submetidos a uma terapia para eliminar essas virtudes, que nada mais são do que casos de loucura. Os tratamentos funcionam e Bacamarte os declara curados. Solta todos e percebe que o único louco irremediável ali era ele próprio. O médico tranca-se sozinho na Casa Verde e morre alguns meses depois.

O autoritarismo do médico é o grande assunto da obra. Machado sabia que o manicômio era um centro de poder muito antes do movimento antimanicomial da segunda metade do século XX. Em *O Alienista*, o barbeiro Porfírio lidera uma rebelião contra o hospício.

Contos amazônicos: Voluntário, Acauã, A quadrilha de Jacó Patacho Inglês de Souza **Texto retirado do livro: Sobre a obra e sobre o autor**

O escritor jurista e político paraense Inglês de Sousa introduziu no Brasil a escola Naturalista mediante uma obra voltada para a natureza e a vida amazônicas.

Seus principais trabalhos literários foram publicados sob o pseudônimo Luís Dolzani. A partir do primeiro trabalho, *O Cacauleta*, fez dos problemas humanos da Amazônia a preocupação central de sua obra.

Contos Amazônicos (1893) é um dos seus livros mais conhecidos. Nesse trabalho -documento fiel da língua do Pará -, aparecem os modismos, o vocabulário e os costumes típicos da região Amazônica.

A obra leva-nos até um mundo distante, desconhecido. Personagens que mergulham em paixões violentas e mistérios que poucos de nós podemos entender dada nossa afana civilizada e bem urbanizada. Crenças e medos, supertições e verdades, costumes e grilhões formados pelos preconceitos. Quando lemos esses Contos amazônicos penetramos em um outro universo, que sem dúvida, nos leva além do verde da floresta e do som do canto dos pássaros. Um mundo distante dos problemas contemporâneos que hoje enfrenta — grilagem, desmatamento, disputa de terras entre índios e brancos - mas não menos forte e perigoso. Um mundo à parte, em que os homens fazem suas próprias leis.

Segundo Alceu Amoroso Lima; Inglês de Sousa representa, na história do romance brasileiro, a passagem do Romantismo ao Naturalismo. Não um naturalismo marcado pela influência de Zola, mas um naturalismo, por assim dizer, intrínseco, marcado pela influência ideológica da Escola do Recife e, principalmente, pela influência do ambiente amazônico, com que o Pará marcou sua infância e adolescência.

"A obra deixa transparecer a intenção de estudar desde as condições da região da Amazônia do cacau e da pesca à cidade de Óbidos, e talvez esse fato acentue o tom vagamente melancólico, próprio do Romantismo. É documento fiel da língua do Pará, em seus modismos, construções populares e vocabulário típico dá-nos conta da situação histórica, das lutas partidárias entre conservadores e liberais (os liberalangas), do arbítrio das autoridades locais, a tirania dos mandões de aldeia. Se houve regionalismo foi para, através dele, chegar à

realidade, com figuras que viu e observou, fugindo à imaginação". (Bella Josef)

A característica comum entre os contos selecionados está na apresentação das personagens; (caboclos ribeirinhos) no vocabulário utilizado pelo paraense, nas credices e na caracterização dos espaços, são espaços interioranos onde as personagens vivem a rudeza de uma região ainda não atingida pela ambição desenfreada do homem civilizado. As atividades econômicas: a pesca, a caça, o comércio feita pelos regatões; - barcos que cruzavam os rios vendendo mercadoria; suprimentos e víveres para os moradores da aldeias da redondeza, e ribeirinhos. Montaria; em uma primeira leitura pensa-se em animais de monta, cavalas, burros

etc. porém trata-se de uma canoa pequena fabricada de troco de árvores nativas da região, movida a remo, que é utilizada pelo caboclo na travessia dos rios e na pescaria. Os contos giram em torno do final do século XIX o ciclo econômico da borracha e a cultura do cacau, a Cabanagem- Rebelião popular que irrompeu em 1835 na província do Grão Pará (atuais Pará e Amazonas) contra o poder central e as elites de origem portuguesa, A construção da estrada de ferro Madeira Mamoré- Linha férrea que liga Porto Velho a Guajará Mirim, no estado de Rondônia. Construída em 1913, para facilitar o escoamento da borracha boliviana e brasileira. Desativada em 1972, voltou a funcionar em 1981, apenas para fins turísticos,

As personagens, o espaço e o tempo, são descritos num tom um tanto poético, reforçando a presença de um romantismo melancólico.

O conto O Voluntário retrata a forma como eram recrutados à força os homens para lutar na guerra entre Brasil e Paraguai, a opressão dos graúdos "que não perdiam a ocasião de satisfazer ódios e caprichos, oprimindo os adversários políticos que não sabiam procurar, a serviço de abastados e poderosos fazendeiros, proteção e amparo contra o recrutamento, à custa do sacrifício da própria liberdade e da honra das mulheres, das filhas e das irmãs". pg.27

Acauã, conto em que o folclore amazônico é evidenciado, com suas credices, relata o encantamento da jovem e a submissão às forças desconhecidas e sobrenaturais que povoam o imaginário amazônico. em torno desse conto gira a lenda do Acauã, pássaro agourento que mundia (encanta) a jovem privando-a de suas faculdades físicas e mentais, levando-a à morte.

No conto A quadrilha de Jacó Patacho encontramos a luta desigual de bandidos com uma família de sitiados, plantadores de cacau às margens do rio Tapajós. Uma quadrilha que amedrontava a região assalta a casa de Félix Salva terra, português, casa do com "sora" Maria e pai de Anica. Da luta travada entre os três portugueses, Salvaterra e os dois filhos, restaram, "sora" Maria e Anica que foram levadas como escravas. É Anica, na idade madura e lavadeira de Santarém que narra, estremecendo de horror, os cruéis tormentos que sofrera em sua atribulada existência.

O Voluntário

A velha tapuia Rosa já não podia cuidar da pequena lavoura que lhe deixara o marido. Vivía só com o filho, que passava os dias na pesca do pirarucu e do peixe-boi, vendidos no porto de Alenquer. e de que tiravam ambos o sustento, pois o cacau mal chegava para a roupa e para o tabaco.

[...]

E naturalmente melancólica a gente da beira do rio. Face a face toda a vida com a natureza grandiosa e solene, mas monótona e triste do Amazonas, isolada e distante da agitação social, concentrando-se a alma em um apático recolhimento, que se traduz externamente pela tristeza do semblante e pela gravidade do gesto.

O caboclo não ri, sorri apenas; e a sua natureza contemplativa revela-se no olhar fixo e vago em que se lêem os devaneios íntimos, nascidos da sujeição da inteligência ao mundo objetivo. e dele assoberbada. Os seus pensamentos não se manifestam em palavras por lhes faltar. a esses pobres tapuias, a expressão comunicativa, atrofiada pelo silêncio forçado da solidão.

Haveis de ter encontrado, beirando o rio, em viagem pelos sítios, o dono da casa sentado no terreiro a olhar fixamente para as águas da correnteza, para um bem - te - vi que canta na laranjeira, para as nuvens brancas do céu, levando horas e horas esquecido de tudo, imóvel e mudo em uma espécie de êxtase. Em que pensará o pobre tapuio? No encanto misterioso da mãe - d'água, cuja sedutora voz lhe parece estar ouvindo no murmúrio da corrente? No curupira que vagabundeia nas matas, fatal e esquivo, com o olhar ardente, cheio de promessas e de ameaças? No diabólico saci-pererê, cujo assobio sardônico dá ao corpo o calafrio das sezões? Em que pensa? Na vida? É talvez um sonho, talvez nada. É uma contemplação pura. [...] assim a tapuia Rosa, que de nada se podia queixar, com a vida material segura, suprema ambição do caboclo, foi sempre dada à tristeza; [...] Era a saudade do esposo morto ou o receio vago dos fracós diante dos arcanos do futuro?

Ninguém o podia dizer, mas é certo que até o princípio do ano de 1865 correram tranquilos os dias no cacau da velha Rosa.

Quem não sabe o efeito produzido à beira do rio pela notícia da declaração da guerra entre o Brasil e o Paraguai?

Nas classes mais favorecidas da fortuna nas cidades principalmente, o entusiasmo foi grande e duradouro. Mas entre o povo miúdo o medo do recrutamento para voluntário da pátria foi tão intenso que muitos tapuios se meteram pelas matas e pelas cabeceiras dos rios, e ali viveram como animais sujeitos a toda espécie de privações.

[...]

Coisa terrível era então o recrutamento!

Esse meio violento de preencher os quadros do exército era ao tempo da guerra posto em prática com barbaridade e tirania, indignas de um povo que pretende foros de civilizados.

Suplícios tremendos era infligidos aos que, fugindo a uma obrigação não compreendida, ousavam preferir a paz do trabalho e o sossego do lar à ventura de se deixarem cortar em postas na defesa das estâncias rio -grandenses e das aldeolas de Mato Grosso.[...] Os graúdos não perderam a ocasião de satisfazer ódios e caprichos, oprimindo os adversários políticos

que não sabiam procurar, a serviço de abastados e poderosos fazendeiros, proteção e amparo contra o recrutamento, à custa do sacrifício da própria liberdade e da honra das mulheres, das filhas e das irmãs.[...]

[...]

Descuidado e contente, Pedro labutava em paz, apesar das desgraças do tempo, ouvidas aos domingos, depois da missa, no adro da matriz, E quando lhe perguntavam se não receava o recrutamento, dizia com a candura habitual que nunca fizera mal a ninguém e era filho único de mulher viúva. Mão contava, porém, com a má vontade de Manoel de Andrade, mulato que era seu rival na pesca das tartarugas, Manoel Andrade era a alma danada do capitão Fabrício. em cuja fazenda vivia como agregado. Toda a gente o acusava de desapiedado executor das maldades do fazendeiro. Era tido como homem sem escrúpulos, que matava por prazer. E as proezas pacíficas do filho da velha Rosa enchiam-lhe o coração de inveja

[...]

Três dias depois da visita de Inácio Mendes, pelas 7 horas da manhã, a velha Rosa tratava do almoço, e Pedro, sentado à soleira da porta, preparava-se para caçar papagaios, limpando uma bela espingarda de dois canos, quando viu adiantar-se para o seu lado o capitão Fabrício, com os modos risonhos e cortesões de um bom vizinho. Pedro ergue-se surpreso e acanhado e pôs-se a balbuciar cumprimentos ao fazendeiro, cujo sorriso o enleava

-Ora, bom dia, seu Pedro. Então já sei que vai à caça? E está com uma bonita arma! Quer vendela?

E foi lha tirando das mãos, sem que o pescador, admirado de tão grande afabilidade, pensasse em contrariar-lhe o gesto.

- Eh, eh! Seu Pedro, você está um rapaz robusto e devia ser voluntário da pátria, O governo precisa de gente forte lá no sul para dar cabo do demônio do Lopez. Ora é uma vergonha que você esteja a matar os pobrezinhos dos papagaios e a arpoar os inocentes pirarucus, quando melhor quebraria a proa aos paraguaios, que são brutos também e inimigos dos cristãos.

Pedro balbuciava negativas e desculpas. Era filho único... não tinha jeito para a guerra... quem tomaria conta da pobre velhinha? Mas o capitão pôs-lhe a mão no ombro, dizendo em voz repassada de mal:

- Pois então tenha paciência Se não quer ser voluntário, está recrutado,

[...]

O rapaz soltou um grito surdo, avançou contra Fabrício, arrancou-lhe a espingarda das mãos e brandiu-a sobre a cabeça do capitão, como se fora uma bengala. Quando ia descarregar o golpe, sentiu-se agarrado. Eram o sargento Moura e dois soldados, que, saindo de um matagal próximo, haviam-se aproximado sem ser vistos. Ao ruído da luta, acudiu a velha Rosa, que, soltando brados lamentosos, tentou arrancar o filho aos soldados, mas o capitão Fabrício segurou-a por um braço e atirou-a de encontro a um esteio da casa.

Muito tempo teria durado a luta, se não tivessem aparecido alguns agregados do capitão, dirigidos pelo Manoel de Andrade, em cuja face morena se lia a satisfação de um ódio até ali contido a custo?

O mulato adiantou-se com ar resoluto;
- Ó gentes! Temos cerimônias? - e voltando-se para os que o seguiam: - amarra porco, rapaziada!

Ou pela sua profissão de vaqueiros ou porque já se achassem prevenidos, traziam cordas consigo. Pedro e Rosa foram deitados por terra e amarrados de pés e mãos. Depois a gente do Manoel Andrade carregou o rapaz e foi depô-lo numa grande montaria que o capitão mandara buscar na fazenda.

[...]

Sozinha, abandonada no sitio deserto, exposta no terreiro, ferida e quase nua aos raios ardentíssimos do sol, a velha Rosa, a boa e generosa velhinha, teria sucumbido miseravelmente, se por volta de meio-dia não tivesse ali chegado o vizinho Inácio Mendes. [...]

[...]

Pobre tia Rosa! Em que miserando estado a encontrara! Seria possível que Deus permitisse tão grande injustiça! O Inácio cortou-lhe as cordas, lavou-lhe a ferida com água avinagrada, e teve de empregar a força para obrigá-la a deitar-se, pois ardia em febre.

[...]

A indignação fez-me ultrapassar os limites da conveniência, perguntei, irado, ao juiz como se deixara ele assim burlar pela polícia, expondo a dignidade do seu cargo ao menosprezo de um funcionário subalterno. Mas ele, sorrindo misteriosamente, bateu-me no ombro e disse em tom paternal:

-Colega, você ainda é muito moço. Manda quem pode. Não queira ser palmatória do mundo, - e acrescentou alegremente; - olhe, sabe de uma coisa? Vamos tomar café.

Ainda há bem pouco tempo vagava pela cidade de Santarém uma pobre tapuia doida. A maior parte do dia passava-o a percorrer a praia, com o olhar perdido no horizonte, cantando com voz trêmula e desenxabida a quadrinha popular

Meu anel de diamantes

Caiu na água e foi ao fundo;

Os peixinhos me disseram:

Viva D. Pedro Segundo.

Acauã

O capitão Jerônimo Ferreira, morador da antiga vila de São João Batista de Faro, voltava de uma caçada, a que fora para distrair-se do profundo pesar causado pela morte da mulher, que o deixara subitamente só com a filhinha de dois anos de idade.

Perdida a calma habitual de velho caçador, Jerônimo Ferreira transviou-se e só conseguiu chegar às vizinhanças da vila, quando já era noite fechada.

[...]

Trovões furibundos começaram a atroar os ares. Relâmpagos amiudavam-se, inundando de luz rápida e viva as matas e os grupos de habitações, que logo depois ficavam mais sombrios.

[...]

O capitão levou a mão à testa para benzer-se, mas os dedos trêmulos de medo não conseguiram fazer o sinal-da-cruz. Invocando o santo do seu nome, Jerônimo Ferreira deitou a correr na direção em que supunha dever estar a sua desejada casa Mas a voz;. A terrível voz, aumentava de volume. Cresceu mais, cresceu tanto afinal, que os ouvidos do capitão zumbiram, tremeram-lhe as pernas e caiu no limiar de uma porta.

Com a queda espantou um grande pássaro escuro que ali parecia pousado, e que voou cantando:

-Acauã, acauã!

[...]

No dia seguinte, toda a vila de Faro dizia que o capitão

adotara uma linda criança, achada à beira do rio, e que se dispunha a criá-la, como própria, conjuntamente com a sua legítima Aninha

Tratada efetivamente como filha da casa, cresceu a estranha criança, que foi balizada com o nome de Vitória.

Educada da mesma forma que Aninha, participava da mesa, dos carinhos e afagos do capitão, esquecido do modo por que a recebera. (**Dentro de uma canoa à deriva**)

Eram ambas moças bonitas aos catorze anos, mas tinham tipo diferente.

[...]

Na vila, dizia toda a gente:

- Como está magra e abatida a Aninha Ferreira, que prometia ser robusta e alegre! Vitória era alta e magra, de compleição forte, com músculos de aço.

[...]

Tudo, porém, correu sem novidade, até o dia em que completaram 15 anos, pois se dizia que eram da mesma idade. Desse dia em diante, Jerônimo Ferreira começou a notar que a sua filha adotiva ausentava-se da casa frequentemente, em horas impróprias e suspeitas, sem nunca querer dizer por onde andava. Ao mesmo tempo que isso sucedia, Aninha ficava mais fraca e abatida. Não falava, não sorria, dois círculos arroxeados salientavam-lhe a morbidez dos grandes olhos pardos. Uma espécie de cansaço geral dos órgãos parecia que lhe ia tirando pouco a pouco a energia da vida.

Quando o pai chegava-se a ela e lhe perguntava carinhosamente: "Que tens Aranha?", a menina, olhando assustada para os cantos, respondia em voz cortada de soluços: "Nada papai".

A outra, quando Jerônimo a repreendia pelas inexplicáveis ausências, dizia com altivez e pronunciado desdém: "E que tem vosmecê com isso?" [...]

E a desconhecida moléstia de Aninha se agravava, a ponto de impressionar seriamente o capitão Jerônimo e toda a gente da vila.

"Aquilo é paixão recalcada", diziam alguns. Mas a opinião mais aceita era que a filha do Ferreira estava enfeitada.

No ano seguinte, o coletor apresentou-se pretendente à filha do abastado Jerônimo Ferreira.

- Olhe, seu Ribeirinho- disse-lhe o capitão-, é se ela muito bem quiser, porque não a quero obrigar. Mas eu já lhe dou uma resposta nesta hora.

- Foi ter com a filha e achou-a nas melhores disposições para o casamento. Mandou chamar o coletor, que se retirara discretamente, e disse-lhe muito contente: - Toque lá, seu Ribeirinho, é negócio arranjado.

Mas daí alguns dias, Aninha foi dizer ao pai que não queria casar com o Ribeirinho..

O pai deu um pulo da rede em que se deitara havia minutos para dormir a sesta.

- Temos tolíces?

E como a moça dissesse que nada era, nada tinha, mas não queria casar, terminou em voz de quem manda:

- Pois agora há de casar que o quero eu.

Aninha foi para o seu quarto e lá ficou encerrada até o dia do casamento, sem que nem pedidos nem ameaças a obrigassem a sair.

Entretanto, a agitação de Vitória era extrema.

Entrava a todo momento no quarto da companhia e saía logo depois com as feições contraídas pela ira.

Ausentava-se da casa durante muitas horas, metia-se

pelos matos, dando gargalhadas que assustavam os passarinhos. Já não dirigia a palavra a seu protetor nem a pessoa alguma da casa.

Chegou, porém o dia da celebração do casamento. Os noivos, acompanhados pelo capitão, pelos padrinhos e por quase toda a população da vila, dirigiram-se para a matriz. Notava-se com espanto a ausência da irmã da noiva Desaparecera, e por maiores que fossem os esforços tentados para a encontrar, não lhe puderam descobrir o paradeiro. Toda a gente indagava, surpresa:

- Onde está Vitória? Como não vem assistir ao casamento da Aninha?

O capitão franzia o sobrolho, mas a filha parecia aliviada e contente.

Afinal, como ia ficando tarde, o cortejo penetrou na matriz, e deu-se começo à cerimônia.

Mas eis que, na ocasião em que o vigário lhe perguntava se casava por seu gosto, a noiva põe-se a tremer como varas verdes, com o olhar fixo na porta lateral da sacristia

O pai, ansioso, acompanhou a direção daquele olhar e ficou com o coração do tamanho de um grão de milho.

De pé, à porta da sacristia, hirta como uma defunta, com uma cabeleira fecha de cobras, com as narinas dilatadas e a tez verde-negra, Vitória, a sua filha adotiva, fixava em Aninha um olhar horrível, olhar de demônio, olhar frio que parecia querer pregar-lhe a língua fina, bipartida como língua de serpente. Um leve fumo azulado saía-lhe da boca e ia subindo até o teto da igreja Era um espetáculo sem nome!

Aninha soltou um grito de agonia e caiu com estrondo sobre os degraus do altar. Uma confusão fez-se entre os assistentes. Todos queriam acudir-lhe, mas não sabiam o que fazer. Só o capitão Jerônimo, em cuja memória aparecia de súbito a lembrança da noite em que encontrara a estranha criança, não podia despegar os olhos da pessoa de Vitória, até que esta, dando um horrível brado, desapareceu, sem se saber como.

Voltou-se então para a filha, e uma comoção profunda abalou-lhe o coração. A pobre noiva, toda vestida de branco, deitada sobre os degraus do altar-mor, estava hirta e pálida. Dois grandes fios de lágrimas, como contas de um colar desfeito, corriam-lhe pela face. E ela nunca chorara, nunca desde que nascera se lhe vira uma lágrima nos olhos!

- Lágrimas! - exclamou o capitão, ajoelhando aos pés da filha.

-Lágrimas! - clamou a multidão, tomada de espanto.

-Então convulsões terríveis se apoderaram do corpo de Aninha. Retorcia-se como se fora de borracha. O seio agitava-se dolorosamente. Os dentes rangiam em fúria Arrancava com as mãos os lindos cabelos. Os pés batiam no soalho. Os olhos reviravam-se nas órbitas, escondendo a pupila. Toda ela se maltratava, rolando como uma frenética, uivando dolorosamente.

De repente a moça pareceu sossegar um pouco, mas não foi senão o princípio de uma nova crise, Inteiriçou-se. Ficou imóvel. Encolheu depois os braços, dobrou-os à modo de asas de pássaro, bateu-os por vezes nas ilhargas, e entreabrindo a boca, deixou sair um longo grito que nada tinha de humano, um grito que ecoou lugubrememente pela igreja:

- Acauã!

- Jesus! - bradaram todos, caindo de joelhos.

E a moça, cerrando os olhos, como em êxtase, com o corpo imóvel, à exceção dos braços, continuou aquele canto lúgubre;

Acauã! Acauã!

Por cima do telhado uma voz respondeu à de Aninha:

- Acauã! Acauã!

Um silêncio tumular reinou entre os assistentes. Todos compreendiam a horrível desgraça.

Era o Acauã.

A Quadrilha de Jacó Patacho

Eram 7 horas dadas, a noite estava escura, e o céu ameaçava chuva.

Terminara a ceia, composta de cebola cozida e pirarucu assado, o velho Salvaterra dera graças a Deus pelos favores recebidos; a "sora" Maria dos Prazeres tomava pontos em umas velhas meias de algodão muito remendadas; a Anica enfiava umas contas destinadas a formar um par de bracelete, e os dois rapazes, espreguiçando-se, conversavam em voz baixa sobre a última caçada Alumiava as paredes negras da sala uma candeia de azeite, reinava um ar tépido de tranqüilidade e sossego, convidativo do sono. Só se ouviam o murmúrio brando do Tapajós e o ciciar do vento nas folhas das pacoveiras (bananeiras). De repente, a Anica inclinou a cabeça e pôs-se a escutar um ruído surdo que se aproximava lentamente.

-Ouvem? - perguntou.

O pai e os irmãos escutaram também por alguns instantes, mas logo concordaram, com a segurança dos habitantes de lugares ermos:

-É uma canoa que sobe o rio.

-Quem há de ser?

-A estas horas- opinou a "sora" Maria dos Prazeres -, não pode ser gente de bem.

-E por que não, mulher? — repreendeu o marido -, isto é alguém que segue para Irituia.

-Mas quem viaja a estas horas? -insistiu a timorata mulher.

-Vem pedir -nos agasalho - redargüiu. - A chuva não tarda, e esses cristãos hão de querer abrigar-se.

[...]

Félix Salvaterra tinha fama de rico e era português, duas qualidades perigosas em tempo de cabanagem. O sítio era muito isolado e grande a audácia dos bandidos. E a mulher tinha lágrimas na voz, lembrando esses fatos ao marido.

Mas o ruído do bater dos remos na água cessou, denotando que a canoa abicara ao porto do sítio. Ergueu-se Salvaterra, mas a mulher agarrou-o com ambas as mãos:

-Aonde vais, Félix?

Os rapazes lançaram vistas cheias de confiança às suas espingardas, penduradas na parede e carregadas com bom chumbo, segundo o hábito de precaução naqueles tempos infelizes, e seguiram o movimento do pai. A Anica, silenciosa, olhava alternativamente para o pai e para os irmãos.

[...]

Então dois caboclos apareceram no círculo de luz projetado fora da porta pela candeia de azeite...o seu aspecto nada oferecia de peculiar e distinto dos habitantes dos sítios do Tapajós.

Tranqüilo, o português afastou-se para dar entrada aos noturnos visitantes. Ofereceu-lhes da sua modesta ceia, perguntou-lhes de onde vinham e para onde iam.

Vinham de Santarém e iam a intuíta, à casa do tenente Prestes levar uma carga de fazendas e molhados por conta do negociante Joaquim Pinto; se a chuva não desse, ou passasse com a saída da lua lá para a meia-noite, continuariam a sua viagem.

[...]

Os dois homens falavam serenamente, arrastando as palavras no compasso preguiçoso do caboclo que parece não ter pressa de acabar de dizer./ o seu aspecto nada oferecia de extraordinário. Um, alto e magro, tinha a aparência doentia; o outro, reforçado, baixo e de cara bexigosa, não era simpático à dona da casa, mas afora o olhar de lascívia torpe que dirigia à Anica, quando julgava que o não viam, parecia a criatura mais inofensiva deste mundo.

[...]

Súbito rumor fez-se na casa até então silenciosa, rumor de espanto e de sobressalto em que se denunciava a voz rouca e mal segura de pessoas arrancadas violentamente a um sono pacífico; a rapariga voltou-se para o lado da porta da sala, mas sentiu-se presa por braços de ferro, ao passo que um asqueroso beijo, mordedura de réptil antes do que humana carícia, tapou-lhe a boca. O tapuíto bexigoso, Saraiva, sem que a moça o pudesse explicar, entrara sorrateiramente no quarto e se aproximara dela sem ser pressentido.

[...]

O português e os filhos, mal despertados do sono, com as roupas em desalinho, não se deixaram tomar do susto e da surpresa, expressa em dolorosos gemidos pela "sora" Maria dos Prazeres, que, abraçada à filha, cobria-a de lágrimas quentes. Pai e filhos compreenderam a gravidade da situação em que se achavam; o silêncio e a ausência do cão de guarda, sem dúvida morto à traição, e a audácia do tapuíto bexigoso, mais ainda do que o primeiro grito da filha, do qual apenas haviam ouvido ao despertar o nome do terrível pirata paraense, convenceram-nos de que não haviam vencido o último inimigo, e enquanto um dos moços apontava a espingarda ao peno do tapuíto que, banhado em sangue, tinha gravado na moça os olhos ardentes de volúpia, Salvaterra e o outro filho voltavam, à sala, com o fim de guardar a porta de entrada. Essa porta tinha sido aberta, achava-se apenas cerrada, apesar de havê-la trancado o dono da casa, quando despediu o caboclo alto. Foram os dois homens para pôr-lhe novamente a tranca, mas já era tarde.

Seu João, o caboclo alto, companheiro de Saraiva, mais afoito do que os outros tapuítos, chegara a casa e, percebendo que o seu chefe corria grande perigo, assobiou de um modo peculiar e, em seguida, voltando-se para os homens que se destacavam das árvores do porto, como visões de febre, emitiu na voz gutural do caboclo o brado que depois se tornou o grilo de guerra da cabanagem:

- Mata marinho! Mata! Mata!

- Os bandidos correram e penetraram na casa. Travou-se então uma tua horrível entre aqueles tapuítos armados de terçados e de grandes cacetes quinados de maçaranduba. e os três portugueses que heroicamente defendiam o seu lar, valendo-se das espingardas de caça que, depois de descarregadas, serviam-lhes de formidáveis maças.

O Saraiva recebeu um tiro à queima-roupa. o primeiro tiro, pois que o rapaz que o ameaçava, sentindo entrarem na sala os tapuítos, procurava livrar-se logo do pior deles, ainda que por terra e ferido: ruas não foi longo o combate; enquanto mãe e filha agarradas uma à outra se lamentavam desesperadas e ruidosamente, o pai e os filhos caíam banhados em sangue, e nos seus brancos

cadáveres a quadrilha de Jacó Patacho vingava a morte de seu feroz tenente, mutilando-os de um modo selvagem.

Quando passei com meu tio Antônio, em junho de 1832, pelo sítio de Félix Salvaterra, o lúgubre aspecto da habitação abandonada, sob cuja cumieira um bando de urubus secava as asas ao sol, chamou-me a atenção; uma curiosidade doentia fez-me saltar em terra e entrei na casa. Ainda estavam bem recentes os vestígios da luta. A tranqüila morada do bom português tinha um ar sinistro. Aberta, despida de todos os modestos trastes que a ornavam outrora, denotava que fora vítima do saque unido ao instinto selvagem da destruição. Sobre a chão úmido da sala principal, os restos de cinco ou seis cadáveres, quase totalmente devorados pelos urubus enchiam a atmosfera de emanações deletérias. Era medonho de ver-se.

Só muito tempo depois conheci os pormenores dessa horrível tragédia, tão comum, abas, naqueles tempos de desgraça.

A "sora" Maria dos Prazeres e a Anica haviam sido levadas pelos bandidos, depois do saque de sua casa. A Anica tocara em partilha a Jacó Patacho e, ainda no ano passado, a velha Ana, lavadeira de Santarém, contava, estremecendo de horror, os cruéis tormentos que sofria em sua atribulada existência.

"Verdade? Invencionice de contista? Até onde a realidade funde-se com a ficção nos relatos de fatos comuns, em tempos de guerra tão remotos, e ao mesmo tempo, tão presentes, num ambiente em que predomina a lei do mais forte, do mais astuto? Onde, lutar pela sobrevivência é a cauta mais urgente de um povo que habita uma região de grande importância para o Brasil e para o mundo, mas que no entanto enfrenta graves problemas: desmatamento, grilagem de terra, entre outros. Que consequências essa situação pode acarretar para o Brasil e para todo o Globo? Contos Amazônicos Traz para o mundo da ficção uma parte da população brasileira, aquela que vive no imenso mundo da realidade amazônica, esmagada pela grandeza da natureza em que se agitam os personagens que poderiam estar em qualquer parte do Brasil. (Grifos meus)

José Matias

Eça de Queirós

A prosa revolucionária de Eça de Queirós

Os primeiros escritos de Eça de Queirós, folhetins e contribuições em jornais, foram reunidos postumamente no volume *Prosas Bárbaras*, de 1905, perfazendo um período de franca influência romântica.

A fase realista/naturalista inaugurada em 1875 com *O Crime do Padre Amaro*, e da qual fazem parte ainda *O Primo Basílio*, *O Mandarim* e *A Relíquia*, é a fase radical do autor, em que a crítica social é feita de maneira mais contundente; a hipocrisia e o provincianismo da sociedade portuguesa são implacavelmente atacados.

No conto, José Matias, Eça nos traça o perfil de um amante apaixonado, tão divinamente platônico que recusa a ventura de receber nos braços a mulher amada, para continuar a amá-la doentamente na mágoa de a saber nos braços de outro. A narração se faz na primeira pessoa, o que

não acontecerá por acaso. O narrador procura explicar as suas convicções sobre a afana e a matéria,

o que leva um homem a recusar o amor de uma mulher para somente contentar-se a adorá-la à distância. Assim é a personagem José Matias. Apaixonado por Elisa contenta-se em adorá-la de longe pois a sabe casada com um homem que não a possui fisicamente: Não é minha, também não é dele. A viúves de Elisa abre as portas para José Matias, mas ele, por adorá-la como à Virgem, recusa esse amor. Elisa é mulher, não é santa, casa-se novamente. José Matias passa a ter ciúmes

do novo marido por saber que, sendo marido e jovem reclama seus direitos de marido;

agora a competição é de igual para igual. Elisa novamente fica viúva, mas agora não pode apresentar um terceiro marido à sociedade. Arranja um amante, casado, Apontador de obras públicas. Casado em Beja, com uma espanhola, sangue quente, que o trai com um riquíssimo criador de gado. José Matias passa a espreitar os encontros fortuitos de Elisa com o amante, estudava-o nas roupas não se contentava em ver a mulher amada vilipendiada por um homem casado, era como violar um templo santo, José Matias decaí cada vez mais, passando de moço digno e afortunado a mendigo, recusa a esmola que Elisa lhe oferece. Até ser encontrado na sarjeta, morrendo.

Observa-se além da análise psicológica do caráter da personagem, uma crítica ao Romantismo. O final do conto é bem ao modo dos realistas, o amigo, cumpre a obrigação de levar o corpo de José Matias ao cemitério, mas aproveita para admirar a tarde e reclamar do frio, pois a matéria, o homem, ou o que restou de um homem já está em baixo da terra. É apenas matéria posta aos vermes.

A seguir faremos uma sinopse de **José Matias**

O narrador está a espera do enterro de José Matias e dialoga com um personagem ocasional, é uma tarde ensolarada. O narrador faz uma descrição física e psicológica do amigo morto: - Um rapaz airoso, louro como uma espiga, com um bigode crespo de paladino sobre uma boca indecisa de contemplativo, destro cavaleiro, de uma elegância sóbria e fina. E espírito curioso, muito afeiçoado às idéias gerais, tão penetrante que compreendeu a minha defesa da Filosofia Hegeliana! Esta imagem do José Matias data de 1865: porque a derradeira vez que o encontrei numa tarde agreste de janeiro, metido num portal da Rua de S. Bento, tiritava dentro de uma quinzena cor de mel, roída nos cotovelos, e cheirava abominavelmente a aguardente. (**decadência moral**) [...] e ainda lembro o José Matias, com uma grande gravata de cetim preto, tufada entre o colete de linho branco, sem despregar os olhos das velas das serpentinas, sorrindo palidamente àquele coração que rugia na sua jaula... Era uma noite de abril, de lua cheia. Passeamos depois em bando, com guaitarras, pela ponte e pelo Choupal. O Januário cantou ardentemente as endechas românticas do nosso tempo. (**Recordações de rapaz despreocupado, com certeza, estudante**)

E o José Matias, encostado ao parapeito da Ponte, com a alma e os olhos perdidos na boa! - Por que não acompanha o meu amigo esse moço

interessante ao Cemitério dos Prazeres? Eu tenho uma tipóia, de praça e com número, como convém a um professor de Filosofia... O quê?! Por causa das calças claras! Oh! Meu caro amigo! De todas as materializações da simpatia, nenhuma mais grosseiramente material do que a casimira preta. E o homem que nós vamos enterrar era um grande espiritualista!

Vem o caixão saindo da igreja... Apenas três carruagens para o acompanhar. Mas realmente, meu caro amigo, o José Matias morreu há seis anos, no seu puro brilho. Esse, que ai levamos, meio decomposto, dentro das tábuas agaloadas de amarelo, é um resto de bêbedo, sem história e sem nome, que o frio de fevereiro matou no vão de um portal. (**morte espiritual, morte moral do homem, a degradação, a morte em vida.**)

[...]

Pois esse José Matias foi um homem desconsolador para quem, como eu, na vida ama a evolução lógica e pretende que a espiga nasça coerentemente do grão. Em Coimbra sempre o consideramos como uma alma escandalosamente banal. Para este juízo concorria talvez a sua horrenda correção. Nunca um rasgão brilhante na batina! Nunca uma poeira estouvada nos sapatos! Nuca um pêlo rebelde do cabelo ou do bigode fugido daquele rígido alinhado que nos desolava! Além disso, na nossa ardente geração, ele foi o único intelectual que não rugiu com as misérias da Polônia; que leu sem palidez ou pranto as Contemplações; que permaneceu insensível ante a ferida de Garibaldi! E, todavia, nesse José Matias, nenhuma secura ou dureza ou egoísmo ou desafabilidade! Pelo contrário! Um suave camarada, sempre cordial e mansamente risonho. Toda a sua inabalável quietação parecia provir de uma imensa superficialidade sentimental. E nesse tempo, não foi sem razão e propriedade que alcunhamos aquele moço tão macio, tão louro e tão ligeiro, de "Matias -Coração - de Esquilo". Quando se formou, como lhe morrera o pai, depois a mãe, delicada e linda senhora de quem herdara cinquenta contos, partiu para Lisboa, alegrar a solidão de um tio que o adorava O General Visconde de Garmilde.[...] O Garmilde morava então em Arroios, numa casa antiga de azulejos, com um jardim, onde ele cultivava apaixonadamente canteiros soberbos de dalias. Esse jardim subia muito suavemente até ao muro coberto do Conselheiro Matos Miranda, cuja casa, com um arejado terraço entre dois torreõezinhos amarelos, se erguia no cimo do outeiro e se chamava a casa da "Parreira". O meu amigo conhece (pelo menos de tradição, como se conhece Helena de Tróia ou mês de Castro) a formosa Elisa Miranda, a Elisa da Parreira... Foi a sublime beleza romântica de Lisboa, nos fins da Regeneração. Mas realmente Lisboa apenas a entrevia pelos vidros da sua grande caleche, ou nalguma noite de iluminação do Passeio Público entre a poeira e a turba, ou nos dois bailes da Assembléia do Carmo, de que o Maios Miranda era um diretor venerado. Por gosto borralheiro de provinciana, ou por pertencer àquela burguesia séria que nesses tempos, em Lisboa, ainda conservava os antigos hábitos severamente encerrados, ou por imposição paternal do marido, já diabético e com sessenta anos_ a Deusa raramente emergia de Arroios e se mostrava aos mortais. (Alusão à mulher com ironia, - **a deusa**). Mas quem a viu, e com facilidade

constante, quase que irremediavelmente, logo que se instalou em Lisboa, foi o José Matias _ porque, jazendo o palacete do General na falda da colina, aos pés do jardim e da casa da parreira, não podia a divina Elisa assomar a uma janela, atravessar o terraço, colher uma rosa entre as ruas de baixo, sem ser deliciosamente visível. [...]

(O autor compara a beleza da protagonista do conto com a beleza de Helena de Tróia e Inês de Castro, capaz de seduzir o mais frio coração, e, José Matias era considerado pelos amigos, um coração de esquilo, um coração frio.)

[...] Não sei se o José Matias lhe dedicou sonetos. Mas todos nós, seus amigos, percebemos logo o forte, profundo, absoluto amor que concebera, desde a noite de outono, á luz da lua. aquele coração, que em Coimbra considerávamos de esquilo!

[...] E, meu caro amigo, acredite, invejei aquele homem á janela, imóvel hirto na sua adoração sublime, com os olhos, e a alma, e todo o ser cravados no terraço, na branca mulher calçando as luvas claras, e tão indiferente ao Mundo como se o Mundo fosse apenas o ladrilho que ela pisava e cobria com os pés!

E esse enlevo, meu amigo, durou dez anos, assim esplêndido, puro, distante e imaterial! Não ria... Certamente se encontravam na quinta de d. Mafalda; decerto se escreviam, e transbordantemente, atirando as cartas por cima do muro que separava os dois quintais; mas nunca, por cima das heras desse muro, procuraram a rara delícia de uma conversa roubada ou a delícia ainda mais perfeita de um silêncio escondido na sombra E nunca trocaram um beijo... não duvide! Algum aperto de mão fugidio e sôfrego, sob os arvoredos da D. Mafalda, foi o limite exaltadamente extremo, que as vontades lhes marcou ao desejo. O meu amigo não compreende como se mantiveram assim dois frágeis corpos, durante dez anos, em tão terrível e mórbido renunciamento... Sim, decerto lhes faltou, para se perderem, uma hora de segurança ou uma portinha no muro. Depois, a divina Elisa vivia realmente num mosteiro, em que ferrolhos e grades eram formados pelos hábitos rigidamente reclusos do Matos Miranda, diabético e tristonho mas na, castidade deste amor, entrou muita nobreza moral e finura superior de sentimento. O amor espiritualiza o homem - e materializa a mulher. Essa espiritualização era fácil ao José Manas, que, (sem desconfiar-mos) nasceria desvairadamente espiritualista; mas a humana Elisa encontrou também um gozo delicado nessa ideal adoração de monge, que nem ousa roçar, com os dedos trêmulos e embrulhados no rosário, a túnica da Virgem sublimada. Ele sim! Ele gozou neste amor transcendentemente desmaterializado um encanto sobre-humano. E durante dez anos, como O Rui Blás do velho Hugo, caminhou, vivo e deslumbrado, dentro do seu sonho radiante, sonho em que Elisa habitou realmente dentro da sua afana, numa fusão tão absoluta que se tornou consubstanciai com o seu ser! Acreditará o meu amigo que ele abandonou o charuto, mesmo passeando solitariamente a cavalo pelos arredores de Lisboa, logo que descobrira na quinta de D. Mafalda uma tarde, que o fumo perturbava Elisa. (**O espírito e a carne, a supremacia da mulher sobre o homem**) [...]

Além disso, como descobrira a generosidade de Elisa, logo se tomou congênere e suntuosamente generoso; e ninguém existiu então em Lisboa que espalhasse, com facilidade mais risonha, notas de cem mil réis. Assim desbaratou, rapidamente, sessenta contos com o amor daquela

mulher a quem nunca dera uma flor! (**Tornou-se perdulário, era como se distribuindo dinheiro agradasse Elisa, amasse Elisa, estivesse perto dela**)

[...]

Mas um dia, a terra, para o José Matias, tremeu toda, num terremoto de incomparável espanto. Em janeiro ou fevereiro de 1871, o Miranda, já debilitado pela diabetes, morreu com uma pneumonia.

[...]

Visitei o José Manas em Arroios, não por curiosidade perversa, nem pata lhe levar felicitações indecentes, mas para que, naquele lance deslumbrados ele sentisse ao lado a força moderadora da Filosofia... Encontrei porém com ele um amigo mais antigo e confidenciaL [...] Quando entrei, um criado atarefado arranjava duas malas enormes. O José Matias abalava nessa noite para o Porto. [...] Em frente, na casa da Parreira, todas as janelas permaneciam fechadas sob a tristeza da tarde cinzenta. E, todavia, surpreendi o José Matias atirando para o terraço, rapidamente, um olhar em que transparecia inquietação, ansiedade, quase terror! Como direi ? Aquele é o olhar que se resvala para a jaula mal segura onde se agita uma leoa! Num momento em que ele entrara na alcova, murmurei ao Nicolau, por cima do grogue: "O Matias faz perfeitamente em ir para o Porto..."[...] Um ano de luto, e depois muita felicidade e muitos filhos... É um poema acabado!" [...] A divina Elisa fica com toda a sua divindade e a fortuna do Miranda, uns dez ou doze contos de renda... Pela primeira vez na nossa vida contemplamos, tu e eu, a virtude recompensada?"

[...]

Voltei a Lisboa, meu amigo.[...] E nessa semana encontrei no meu Diário Ilustrado a notícia curta, quase tímida, do casamento da Senhora D. Elisa Miranda... Com quem, meu amigo/ -com o conhecido proprietário, o Senhor Francisco torres Nogueira!...

[...]

- Já sabes? Foi o José Matias que recusou! Ela escreveu, esteve no porto, chorou... Ele nem consentiu em a ver! Não quis casar; não quer casar!"

[...]

A divina Elisa, com vestidos claros, passeava à tarde no jardim entre as roseiras, De sorte que tf única mudança, naquele doce canto de Arroios, parecia ser o Matos Miranda no seu belo jazigo dos Prazeres, todo de mármore - e o Tones Nogueira no leito excelente de Elisa.

Havia, porém, uma tremenda e dolorosa mudança — a do José Matias! Adivinha o meu amigo como esse desgraçado consumia os seus estéreis dias? Com os olhos, e a memória, e a alma. e todo o ser cravados no terraço, nas janelas, nos jardins da Parreira! Mas agora não era de vidraças largamente abertas, em aberto êxtase, com o sorriso de segura beatitude: era por trás das cortinas fechadas, através de uma escassa fenda, escondido, surrupiando furtivamente os brancos sulcos do vestido branco, com a face toda devastada pela angústia e pela derrota. E compreende por que sofria assim este pobre coração? Certamente porque Elisa, desdenhada pelos seus braços, fechados, correrá logo, sem fana, sem escrúpulos, para outros braços, mais acessíveis e prontos... Não meu amigo! E note agora a complicada sutileza desta paixão. O José Matias permanecia devotamente crente de que Elisa, na profundidade da sua alma, nesse sagrado fundo espiritual onde não entram as imposições das conveniências, nem as decisões da razão pura, nem os ímpetos do orgulho, nem as emoções da carne - o amava, a ele, unicamente a ele, e com um amor que

não deperecera, não se alterara, floria em todo o seu viço, mesmo sem ser regado ou trabalhado, como a antiga Rosa Mística! O que o torturava, meu amigo, o que lhe cavara longas rugas em curtos meses, era que um homem, um macho, um bruto, se tivesse apoderado daquela mulher que era sua e que do modo mais santo e mais socialmente puro, sob o patrocínio entemecido da Igreja e do Estado, lambuza-se com os rijos bigodes negros, à farta, os divinos lábios que ele nunca ousara roçar, na supersticiosa reverência e quase no terror da sua divindade! Como lhe direi?... O sentimento deste extraordinário Matias era o de um monge, prostrado ante uma imagem da virgem, em transcendente enlevo -quando de repente um bestial sacrílego trepa ao altar e ergue obscenamente a túnica da imagem! O meu amigo sorri... E então o Matos Miranda? Ah! Meu amigo! Esse era diabético e grave, e obeso, e já existia instalado na parreira, com a sua obesidade e a sua diabetes, quando ele conhecera Elisa e lhe dera para sempre vida e coração. E o Torres Nogueira, esse, rompera brutalmente através do seu puríssimo amor, com os negros bigodes, e os carnudos braços, e o rijo arranque de um antigo pegador de touros, e empolgara aquela mulher - a quem revelara talvez o que é um homem! (**Despeito diante da superioridade do outro, cará ter doentio, não aceitou o amor de Elisa, o amor carnal, a união dos corpos, por julgá-la talvez uma deusa, ou por medo da supremacia da mulher**)

[...]

Enredado caso, hem , meu amigo? Ah! Muito filosofei sobre ele, por dever de filósofo! E concluí que o Matias era um doente, atacado de hiperespiritualismo, de uma inflamação violenta e pútrida do espiritualismo, que receara apavoradamente as materialidades do casamento, as chinelas, a pele pouca fresca ao acordar, uni ventre enorme durante seis meses, os meninos berrando no berço molhado... E agora rugia de furor e tormento porque certo materialão , ao lado, se prontificara a aceitar Elisa em camisola de lã. Um imbecil?... Não, meu amigo? Um ultra-romântico, loucamente alheio às realidades fortes da vida, que nunca suspeitou que chinelas e cueiros sujos de meninos são coisas de superior beleza em casa em que entre o sol e haja amor. (**Equilíbrio entre razão e a emoção**)

E sabe, meu amigo, o que exacerbou, mais furiosamente, esse tormento? É que a pobre Elisa mostrava por ele o antigo amor! [...]Mas logo desde setembro, quando o Torres Nogueira partiu para as suas vinhas de Carcavelos, a assistir à vindima, ela recomeçou, da borda do terraço, por sobre as rosas e as dalias abertas, aquela doce remessa de doces olhares com que durante dez anos extasiara o coração do José Matias.

[...]

Ofato foi que Elisa e o seu amigo insensivelmente recaíram na velha união ideal, através dos jardins em flor. E em outubro, como o Torres Nogueira continuava a vindimar em Carcavelos, o José Matias, para contemplar o terraço da Parreira, já abria de novo as vidraças, larga e estaticamente.

[...]

Ele reinava na alma imortal de Elisa: - que importava que outro se ocupasse do corpo mortal? Mas não! O pobre moço sofria, angustiadamente.[...] Tornou-se agitado. Desesperadamente , durante um ano, remexeu, aturdiu, escandalizou Lisboa! São desse tempo algumas das suas extravagâncias lendárias.[...]

Uma ceia oferecida a trinta ou quarenta mulheres das mais torpes e das mais sujas, apanhadas pelas negras vielas do Bairro Alto e da Mouraria, que depois mandou montar em burros, e gravemente, melancolicamente, posto na frente, sobre um grande cavalo branco, com um imenso chicote, conduziu aos altos da Graça, para saudar a aparição do sol!

Mas todo esse alarido não lhe dissipou a dor - e foi então que, nesse inverno, começou a jogar e a beber! [...]

E esta vida, espicaçada pelas fúrias, durou anos, sete anos! Mas, subitamente, desapareceu de todos os antros de vinho e de jogo. E soubemos que o Torres Nogueira estava morrendo com uma anasarca!

[...]

Procurei o José Matias em Arroios,[...] e ainda me lembro, com um arrepio, da impressão desolada que me deu o desgraçado! [...] Por trás, no fundo do quarto claro, o marido certamente arquejava, na opressão da anasarca. Ela, imóvel, repousava, mandando um doce olhar, talvez um sorriso, ao seu doce amigo. O miserável, fascinado, sem respirar, sorvia o encanto daquela visão benfazeja. [...] E as janelas logo se fecharam, toda a luz e vida se sumiram na casa da Parreira.

[...]

O Torres Moreira morreu. A divina Elisa, durante o novo luto, recolheu à quinta de uma cunhada, e o José Matias inteiramente se sumiu, se evaporou, sem que me revoassem novas dele, mesmo incertas.

[...]

Mas aquela mulher era da grande raça de Helena que, quarenta anos também depois do cerco de Tróia, ainda deslumbrava os homens mortais e os deuses imortais.

[...]

a divina Elisa tinha agora um amante. O ditoso moço que ela adorava era com eleito casado.

[...]

parando adiante à beira de um portal aberto para acender o charuto, enxergo à luz tremendo do fósforo, metido na sombra, o José Matias! Mas que José Matias, meu caro amigo! Pobre José Matias! Deixara crescer a barba, uma barba rara, indecisa, suja, mole como algodão amarelado; deixara crescer o cabelo, que lhe surdia em farripas secas de sob um velho chapéu coco; mas todo ele, no resto, parecia diminuído. Minguado, dentro de uma quinzena de mescla enxovalhada e de uma calças pretas, de grandes bolsos, onde escondia as mãos com o gesto tradicional, tão infinitamente triste, da miséria ociosa.

[...]

"Ora essa! Você! Então, que é feito?". — E ele, com a sua mansidão polida, mas secamente, para se desembaraçar, e numa voz que a aguardente enrouquecera: "Por aqui, à espeta de um sujeito". - Não insisti, segui. Depois, adiante, parando, verifiquei o que num relance adivinhara -que o portal negro ficava em frente ao prédio e às varandas de Elisa!

Pois, meu amigo, três anos viveu o José Matias encarnado naquele portal!

[...]

Quando as janelas de Elisa se apagavam ficava esmagando os olhos turvos na fachada negra daquela casa, onde a sabia dormindo com o outro! Ao princípio, para fumar um cigarro, depois, fumava incessantemente, para que a ponta do cigarro o alumiasse! E percebe o porquê, meu amigo?... Por que Elisa já descobrira que, dentro daquele portal, a adorar submissamente as suas janelas, com a alma doutro. estava o seu pobre

José Matias!...

[...]

Onde arranjava mesmo, cada dia, os três patacos para o vinho e para a posta de bacalhau nas tavernas? Não sei... Mas louvemos a divina Elisa, meu amigo! Muito delicadamente, por caminhos arredados e astutos, ela, rica, procurara estabelecer uma pensão ao José Matias, mendigo. Situação picante, hem? A grata senhora dando duas mesadas aos seus dois homens — o amante do corpo e o amante da alma! Ele porém, adivinhou de onde procedia a pavorosa esmola - e recusou, sem revolta, nem alarido de orgulho, até com enternecimento, até com uma lágrima nas pálpebras que a aguardente inflamara! [...]

Isso durou Três anos.

Enfim, meu amigo, anteontem, o João Seco apareceu em minha casa, de tarde, esbaforido:

- "Lá levaram o José Matias de maca, para o hospital, com uma congestão nos pulmões?"

Parece que o encontraram, de madrugada, estirado no ladrilho, todo encolhido no jaquetão delgado, arquejando, com a face coberta de morte, voltada para as varandas de Elisa. Corri ao hospital. Morrera... Subi, com o médico de serviço à enfermaria Levantei o lençol que o cobria. Na abertura da camisa suja e rota, preso ao pescoço por um cordão, conservava um saquinho de seda, puído e sujo também. Decerto continha flor, ou cabelos, ou pedaço de renda de Elisa, do tempo do primeiro encanto e das tardes de Benfica... Perguntei ao médico, que o conhecia e o estimava, se ele sofrera. - "Não! Teve um momento comatoso, depois arregalou os olhos, exclamou Oh! Com grande espanto, e ficou."

Era o grito da afana, no assombro e horror de morrer também? Ou era a alma triunfando por se reconhecer enfim imortal e livre? O meu amigo não sabe; nem o soube o divino Platão; nem o saberá o derradeiro filósofo na derradeira tarde do mundo.

Chegamos ao cemitério. Creio que devemos pegar às bordas do caixão... na verdade, é bem singular este Alves Capão, seguindo tão sentidamente o nosso pobre espiritualista... Mas . Santo Deus, olhe! Além, à espera, à porta da Igreja, aquele sujeito compenetrado, de osaca, com paletó alvadio... É o apontador de Obras públicas! E traz um grosso ramo de violetas... Elisa mandou o seu amante carnal acompanhar a cova e cobrir de flores o seu amante espiritual! Mas, oh, meu amigo, pensemos que, certamente, nunca ela pediria ao José Matias para espalhar violetas sobre o cadáver do apontador! É que sempre a Matéria, mesmo sem o compreender, sem dele tirar a sua felicidade, adorará o Espírito, e sempre a si própria, através dos gozos que de si recebe, se tratará com brutalidade e desdém! Grande consolo, meu amigo, este apontador com o seu ramo, para um metafísico que, como eu, comentou Espinosa e Malebranche, reabilitou Fichet, e provou suficientemente a ilusão da sensação! Só por isso valeu a pena trazer à sua cova este inexplicado José Matias, que era talvez muito mais que um homem - ou talvez ainda menos que um homem - Com efeito, está frio... Mas que linda tarde!

Parnasianismo

Olavo Bilac; o ourives da linguagem

Poemas

Olavo Bilac (1865-1918) nasceu no rio de janeiro, estudou Medicina e Direito, mas não concluiu nenhum desses cursos. Exerceu as atividades de jornalista e inspetor escolar, tendo devotado boa parte de seu trabalho e de seus escritos à educação. Foi defensor da instrução primária., da educação física e do serviço militar obrigatório. Patriota, escreveu a letra do Hino à Bandeira e dedicou-se a temas de caráter histórico-nacionalista.

Sua primeira obra foi Poesias (1888). Nela o poeta já demonstrava estar plenamente identificado com as propostas do Parnasianismo, como comprova seu poema "Profissão de fé". Mas a concepção poética excessivamente formalista defendida por esse poema nem o próprio Bilac seguiu à risca. Vez ou outra depreende-se de seus textos certa valorização dos sentimentos que lembra o Romantismo.

Embora sua poesia nem sempre expresse uma visão profunda sobre o homem e sua condição, Bilac foi o mais jovem e o mais bem-acabado poeta parnasiano brasileiro. Seus poemas, principalmente os sonetos, apresentam uma perfeita elaboração formal.

Observe, no soneto Vila Rica, a capacidade técnica do poeta ao descrever um entardecer na cidade de Vila Rica, hoje Ouro Preto.

Vila Rica

O ouro fulvo do ocaso as velhas casas cobre;
Sangram, em laivos de ouro, as minas, que a ambição
Na torturada entranha abriu da terra nobre:
E cada cicatriz brilha como um brasão.

O ângelus plange ao longe em doloroso dobre.
O último ouro do sol morre na cerração.
E, austero, amortalhado a urbe gloriosa e pobre,
O crepúsculo cai como uma extrema unção.

Agora, para além do cerro, o céu aparece
Feito de um ouro ancião que o tempo enegreceu...
A neblina, roçando o chão, cicia, em prece,

Como uma procissão espectral que se move...
Dobra o sino... Soluça um verso de Dirceu...
Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove.

Além de várias figuras de linguagem - comparação, metáfora, metonímia, personificação, inversão etc., o poema é rico em sugestões sonoras, como o badalar do sino sugerido pelos fonemas nasais e pela aliteração do fonema / 3 / lê-se ("jê") no 1º verso da primeira estrofe. Além disso, há várias sugestões cromáticas relacionadas ao ouro (luz do sol e do ouro das minas (e ao negro) da noite, do passado e do próprio nome da cidade). Note também as oposições existentes no texto,

que reforçam o contraste entre passado e presente, riqueza e pobreza, dia e noite, o passado glorioso e o presente humilde. No soluçar do verso de Dirceu. a repetição do fonema / s/ na última estrofe, ao mesmo tempo que lembra um choro, sugere também os sofrimentos amorosos de Marília e Dirceu e dos inconfidentes mineiros. Trata-se, portanto, de um poema que consegue unir técnicas de construção

a um rico conteúdo histórico — qualidades que nem sempre foram alcançadas pelos parnasianos. Entre as obras que Bilac escreveu, destacam-se: **Via Láctea**, em que a objetividade parnasiana evolui para uma postura mais intimista e subjetiva; **Sarças de fogo**, em que predominam a objetividade e o sensualismo; e o **Caçador de esmeraldas**, obra de preocupação histórica e nacionalista.

Via Láctea

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso! "Eu vos direi, no entanto.
Que, para ouvi-las, muitas vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto..."

E conversamos toda a noite, enquanto
A via Láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E. ao vir do sol. saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi!: "Amai para entende-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas."

A um poeta

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima,, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica mas sóbria, como um templo grego.

Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Porque a Beleza, gêmea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.

Nel mezzo Del camin...

Ceguei Chegaste. Vinhas fatigada
E triste, e triste e fatigado eu vinha.
Tinhas a afana de sonhos povoada,
E a alma de sonhos povoada eu tinha...

E paramos de súbito na estrada
Da vida, longos anos, presa à minha
A tua mão, a vista deslumbrada
Tive da luz que teu olhar continha.

Hoje, segues de novo...Na partida
Nem o pranto os teus olhos umedece.
Nem te comove a dor da despedida

E eu, solitário, volto a face, e tremo.
Vendo o teu vulto que desaparece
Na extrema curva do caminho extremo.

Comentário

O soneto "A um poeta" é um bom exemplo da metapoética de Olavo Bilac em basca da perfeição formal. Para Bilac, é o domínio dos meios (língua, retórica, recursos poéticos) que leva necessariamente à realização de um bom poema. Observe o polissíndeto do 4º verso. Em "Nel Mezzo del camin...", as repetições e inversões da 1ª estrofe, técnica largamente utilizada pelos poetas parnasianos.

Cesário Verde (1855-1866)

Sua poesia (que se preocupa com o apuro formal), ao mesmo tempo que transita entre o Romantismo e o Realismo, é uma ponte para atitudes que estariam em moda no Simbolismo e no Modernismo. Ela retratou de forma exata a realidade cotidiana das ruas de Lisboa. Sua poesia opõe-se ao lirismo romântico e revela as injustiças e desníveis sociais, focalizando os esconderijos e indecências da cidade (corrupção e decadência da classe burguesa). Esse tipo de poesia foge às tradicionais regras do jogo estético, pois centraliza-se no objeto e não no sujeito, o que desloca o interesse poético para fora do "eu" poético.

O sentimento de um ocidental

"Nas nossas ruas, ao anoitecer,
há tal sonoridade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.

O céu parece baixo e de neblina,
O gás extravasado enjoo-me, perturba;
E os edifícios, com as chaminés, e a turba
Toldam-se numa cor monótona e londrina.

Batem os carros de aluguel, ao fundo.
Levando à via férrea os que se vão. Felizes!
Ocorrem-me em revista, exposições, países:
Madri, Paris, Berlim. S. Petersburgo, o mundo!

Semelham-se a gaiolas, com viveiros,
As edificações somente amadeiradas:
Como morcegos, ao cair das badaladas.
Saltam de viga em viga os mestres carpinteiros."
[...]

Horas Mortas

O tecto de oxigênio, de ar,
Estende-se ao comprido, ao meio das trapeiras;
Vêm lágrimas de luz dos astros com olheiras.
Enleva-me a quimera azul de transmigrar.

Por baixo, que portões, que arruamentos!
Um parafuso cai nas Lages, às escuras.
Colocam-se taipas, ringem as fechaduras,
E os olhos dum caleche espantam-me, sangrentos.

E eu sigo, como as linhas de uma pauta
A dupla correnteza augusta das fachadas;
Pois sobem, no silêncio, infaustas e trinadas,
As notas pastoris de uma longínqua flauta.
[...]

Ainda sobre o poema O sentimento de um

ocidental:

Voltam os calafates, aos magotes,
De jaquetão ao ombro, enfarruscados, secos;
Embrenho-me, a cismar, por boqueirões, por becos,
Ou erro pelo cais a que se atracam botes.

E evoco, então as crônicas navais:
Mouros, baixeis, heróis, tudo ressuscitado!
Luta Camões no Sul, salvando um livro a nado!
Singram soberbas naus que eu não verei jamais!

E o fim da tarde inspira-me; e incomoda!
De um couraçado inglês vogam os escaleres;
E em terra num tinir de louças e talheres
Flamejam, ao jantar, alguns hotéis da moda

Num trem de praça arengam dois dentistas;
Um trôpego arlequim braceja numas andas;
Os querubins do lar flutuam nas varandas;
Às portas, em cabelo, enfadam-se os lojistas!

Varam-se os arsenais e as oficinas;
Reluz, viscoso, o rio, apressam-se as obreiras;
E num cardume negro, hercúleas, galhofeiras,
Correndo com firmeza, assomam as varinas.

Vêm sacudindo as ancas opulentas!
Seus troncos varonis recordam-me pilastras;
E algumas, à cabeça, embalam nas canastras
Os filhos que depois naufragam nas tormentas.

Descalças! Nas descargas de carvão.
Desde manhã à noite, a bordo das fragatas;
E apinham-se num bairro aonde miam gatas,
E o peixe podre gera os focos de infecção!

Comentário

À medida que no poema são enumeradas impressões subjetivas sobre a realidade objetiva o texto se afasta da proposta de impessoalidade e de objetividade da poesia realista. Observe as expressões; "**Despertam-me um desejo absurdo de sofrer**"; "**O céu parece baixo e de neblina**"; "**Toldam-se duma cor monótona e londrina**"; "**reluz, viscoso, o rio**". São expressões que remetem a impressões subjetivas, (*característica* romântica).

O poema é bastante descritivo (característica realista), enumerando subjetivamente fragmentos da paisagem e expressando as impressões causadas no eu poético por tais fragmentos. (Em todas as estrofes apresenta descrição, seja objetiva ou subjetivamente) . Evoca Camões e o naufrágio em que o poeta "deixa morrer a mulher para salvar os Lusíadas". Além de apresentar vestígios do Romantismo, antecipa ("Seus troncos varonis recordam-me pilastras) a musicalidade do simbolismo com a aliteração e apresenta o prosaico, do cotidiano como tema, antecipando os temas modernos.

AUTORES COMENTADOS

Machado de Assis: O Alienista. /2º ano
Inglês de Souza: contos amazônicos./2º ano
Gil Vicente O auto da índia / 1º ano
Luis Vaz de Camões; Os Lusíadas./1º ano
Martins Pena: O juiz de paz da roça./ 2º ano

Álvares de Azevedo, Lira dos vinte anos./2º ano
Guimarães Rosa: A terceira margem do rio, Os irmãos Dagobé, Famigerado 3º ano
Camilo Castelo Branco, Amor de perdição./ 2º ano
Eça de Queirós: José Matias/ 2º ano
José Saramago: Objecto Quase. Cadeira e Centauro /3º ano
Dalcídio Jurandir: Belém do Grão Pará./3º ano
Bruno de Menezes: Batuque/ 3º ano
Álvaro de Campos: Poesias escolhidas./ 3º ano
Bocage: Poesia lírica./ 2º ano
Almeida Garret/ poemas/ 2º ano
Gonçalves Dias: Poemas./ 2º ano
Castro Alves: Poesia lírica./ 2º ano
Gregório de Matos Guerra: Vertente satírica. / 1º ano
Francisco Rodrigues Lobo: Sonetos./ 1º ano
Corrupção / Vários autores/ 1º ano
Cesário Verde: Poemas./ 2º ano
Olavo Bilac Poemas./ 2º ano
Cruz e Souza: Poemas./ 3º ano
Camilo Pessanha: Poemas/ 3º ano